



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

FILIPE GONÇALO DA SILVA AZEVEDO

A Arte Litúrgica

A voz da Igreja e a voz dos artistas

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2015

Índice

Página	Título
3	Índice
8	Introdução
Capítulo I	
13	A Arte Litúrgica: Um percurso pela história
13	1- Longa caminhada da Arte Litúrgica
14	1.1- O contexto Judaico:
15	1.2 – A Arte Paleocristã
17	1.3 – A Arte do Ícone
20	1.4 - O II Concílio de Nicéia e a questão iconoclasta
21	1.5 – A Idade Média o novo caminho para o Ocidente
23	1.6 - O Renascimento
24	1.7- O Barroco
24	1.8 - A Contemporaneidade
Capítulo II	
27	A palavra da Igreja aos artistas
28	1- A Arte e a Liturgia
31	2- Romano Guardini um ponto de viragem
36	2.1 – A Arte útil á liturgia
38	2.2 - O perigo de uma visão esteticista da Liturgia
42	3- Bento XVI fala aos artistas
46	4- A Constituição Conciliar e a Arte
48	5- O Concilio um momento de síntese
53	6- A Estética e a Arte Sacra

56	7- A vocação do artista
61	8- Artista e convicção religiosa
66	9- Liturgia de hoje e a Arte Sacra

Capítulo III

70	O que dizem os artistas á Igreja
71	1- O mundo das artes
72	2- O Espírito criador e inspiração artística
74	3- A Arte e o transcendente
76	4- O que é a arte?
89	Conclusão
92	Bibliografia

A Arte Litúrgica

A voz da Igreja e a voz dos artistas

Introdução

Intitulo a minha dissertação de “A Arte Litúrgica: A palavra da Igreja e a palavra dos artistas”. Que pontes e que diálogo é possível? Desde o século XIX que a Igreja se vê vazia de obras dos grandes mestres da arte plástica. E muitos destes Mestres afastam-se da Igreja e da fé seguindo um caminho de humanismo sem Deus, indo atrás de ideologias. E por isso afastando-se de Deus e da Igreja. Cabe á Igreja fazer a aproximação e o convite. Uma reconciliação, para que a Arte ao seu mais alto nível volte a encher as igrejas cristãs, e para que os artistas possam crescer ao nível de outros no passado, em fé, verdadeiro humanismo e grandeza criativa. Paulo VI disse “*homens, sede Homens*”, assim, artistas sede criadores como Deus é Criador, desvendando os mistérios interiores do coração humano que deseja juntar-se ao Divino, o artista como homem especialmente dotado para criar deve buscar, caminhar e orientar-se na direcção do supremo criador e a Igreja deve auxilia-lo, incentiva-lo, orientá-lo e convidá-lo a exercer um ministério na Igreja, um serviço único e imprescindível para o culto divino.

Sem a pretensão de fazer uma abordagem demasiado profunda abordarei no primeiro capítulo a contextualização histórica, uma caminhada da Arte na sagrada Liturgia ao longo da História. No segundo capítulo, ao qual chamo de “A palavra da Igreja”, vou restringir-me á análise dos documentos do Concilio Vaticano II, dos Papas: Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI que tratam da questão da arte Litúrgica e sacra e dos seus apelos a uma arte Litúrgica que eleve o homem actual para Deus, apelando aos artistas que façam a ponte entre o mundo e a Igreja. Irei usar a obra de Joseph Ratzinger “*Introdução ao Espírito da Liturgia*”, a obra de Romano Guardini “*O Espírito da Liturgia*”, e ainda as obras de Juan Plazaola e Marko Rupnik. Estes quatro autores serão os meus principais guias neste segundo Capítulo. As questões que eu coloco no âmbito da missão do artista plástico na Igreja são as seguintes: O que pede a Igreja aos artistas? Que ajuda ou orientação dá a Igreja aos artistas? Que normas? E será que os esclarece acerca

do que lhes está a pedir? E quanto aos artistas, devem ser homens de fé, ou artistas capazes e com um percurso consolidado mesmo que não sejam crentes? Não será o artista um homem vocacionado? Buscarei respostas e orientações acerca destas questões, sabendo que cada diocese procura pôr em prática as indicações do concílio a respeito das artes, e que cada Igreja local vive uma realidade diferente em consonância com a sua história, cultura, tradição, situação financeira, etc.

Preocupa-me saber se um Presbítero quando encomenda uma obra de arte a um artista plástico, com um fim litúrgico ou devocional, pensará ele na questão Litúrgica? Para esse fim superior deve ser usada a melhor arte e os artistas mais capazes e isso tem os seus custos. Olhando as novas Igrejas vemos muitas vezes espaços desajustados á função litúrgica e até por vezes pouco funcionais. Serão as dioceses escutadas, terão elas homens formados em Liturgia e conhecedores das várias expressões Artísticas? Homens e comissões que saibam orientar os arquitectos e os artistas plásticos? A Arte em todas as suas vertentes é tanto mais litúrgica quanto mais está perto do Belo, da Pureza, da obra do Supremo Criador. A Igreja deve dar liberdade aos artistas para as suas criações, mas também os deve formar e orientar de forma que seja nas Igrejas o local onde nos dias de hoje se encontrem as mais belas obras de arte da humanidade. Será essa a realidade de Hoje? O Concílio Vaticano II orienta-nos nesse sentido e os Papas também exercem um forte apelo á Igreja para que saiba apetrechar-se com os artistas mais capazes. Que as Igrejas locais saibam orientar e formar homens em todos os campos das artes e não só na música, mas também nas artes plásticas pela relação que têm com a sagrada liturgia. O passado deixou-nos bem patente a importância de se ter os melhores e os mais capazes. Os artistas devem ser aliciados com projectos maiores, deve-se estabelecer pontes com o mundo das artes. Para que dessa forma sejam os melhores e os mais capazes a embelezar as Igrejas. Que sejam esses artistas especialmente dotados, aqueles que ajudam a Igreja a criar uma ligação bem mais sublime, bem mais profunda com o transcendente. A Beleza ajuda na Liturgia, a arte plástica tal como a música têm um papel importante a desempenhar ajudando a assembleia celebrante a ligar-se ao Divino – A liturgia terrena e celeste em união – A Beleza terá esse papel unificador. M. Rupnik, artista e teólogo jesuíta e director do Centro Aletti em Roma, fala-nos da questão da Beleza na Liturgia

que também abordarei mais adiante. Rupnik deseja unir, unificar e sintetizar a arte cristã na Europa, entre a Igreja oriental e ocidental. Em Portugal é da sua autoria o painel (mosaico) da Basílica da Santíssima Trindade em Fátima e foi executado por vários artistas provenientes de vários países. Em Itália fez uma série de painéis na cripta onde está sepultado o Pe. Pio de Pietrelcina em San Giovanni Rotondo.

No terceiro e último capítulo abordo “A palavra do artista” que têm os artistas a dizer à Igreja? Umberto Eco fala-nos da arte actual e da sua ligação e significado com o sagrado, abordarei vários artistas mais ou menos conhecidos, alguns cristãos assumidos, outros agnósticos e outros que se dizem não crentes. Nos seus vários pontos de vista, todos se ligam a algo infinitamente maior durante o seu processo criativo. Alguns são claros não tem dúvida da sua fé, outros interrogam-se acerca da Fé. Contudo alguns falam com uma linguagem perigosa, relembro somente Kandinsky na sua obra “O espiritual na arte”. Onde ele sem nunca falar abertamente de Deus, usa uma linguagem quase teológica. Sem nunca pôr a questão de Deus ele questiona e percorre um percurso interior que ele chama de sentido da alma que liga ao infinito. Do que estará a falar Kandinsky? Bom trata-se de uma obra controversa que nos deixa a pensar e a especular no sentido das suas palavras. Por outro lado podemos escutar um *Salvador Dalí* que no auge da sua carreira se deixa tocar pela fé na qual foi educado. No caso de Dalí ele ao assistir á miséria da segunda grande guerra, e com a tragédia nuclear do Japão, com o uso de duas armas nucleares, tudo isso vai provocar uma mudança dentro de si. Ele abandona o movimento surrealismo para se dedicar á arte sagrada. Escreve o “*Manifesto Místico*” onde diz desejar ter um olhar dos místicos, ver com os olhos da alma para pintar o divino. Assim ele vai beber á arte renascentista e á superior execução técnica da arte e a uma vontade de pintar o Sagrado. Leão Tolstoi, o escritor russo, escreve uma obra sobre a arte, para ele a razão e a religião são armas do artista, com elas o artista atinge um patamar mais elevado, onde a sua arte é maior, universal. Tolstoi diz que a arte cristã possui a capacidade de salvar o homem através da beleza, pois através dela o homem deixa-se elevar e conduzir até Deus.

A Igreja e o mundo das artes devem estabelecer pontes entre si. A Igreja deve abrir as suas portas de par em par como disse João Paulo II e deixar entrar estes homens das artes,

por outro lado o artista naturalmente busca no seu interior uma visão superior, faz caminho, eleva-se supera-se a cada nova criação artística. E todo o artista deve ter na Igreja um espaço acolhedor para ele, quer seja crente ou não. A Igreja deve fazer também ela aquele convite de Jesus “*Vinde ver*” não só aos artistas, mas a todos os homens.

Capítulo I

A Arte na Liturgia percurso pela história

A Arte na Liturgia. Neste 1º capítulo faço uma curta contextualização histórica do uso das artes plásticas na Liturgia e culto divino. A arte pela capacidade de usar símbolos, transmitir mensagens, ser educadora, didáctica e evangelizadora é aqui retratada ao longo da história do cristianismo desde as suas raízes bíblicas até á contemporaneidade. Sem pretender fazer um estudo exaustivo, mas traçar uma linha condutora para aquilo que irei desenvolver nos dois capítulos que se seguem: a visão da Igreja; e a visão dos artistas.

1- Longa caminhada da Arte Litúrgica

Começando por um apontamento histórico acerca da arte, e do uso da arte como Arte Sacra ao longo da história desde as raízes bíblicas, judaicas, nas primeiras comunidades cristãs, atravessando dois mil anos de história, na sua diversidade de culturas, pensamento teológico e acerca da necessidade que o homem possui de expressar a fé através da arte. É uma longa e rica caminhada até aos dias de hoje. Levaremos em conta nesta pequena caminhada as obras de J. Ratzinger Espírito da Liturgia, reflexo da historicidade e tradições Ocidentais e Orientais, para a historicidade entre outras contarei com a “*Historia da arte Cristã*” e a “*História e sentido da arte cristã*” de J. Plazaola¹, ainda usarei mas em menor escala a obra “*Teologia da Beleza*” de Pavel Evdokimov².

¹ PLAZAOLA, Juan - *Historia del arte Cristiano* - BAC Manuales 20. Madrid, 2001

² EVDOKIMOV, Pàvel Nikolàjevic - *Teologia della Bellezza: L'arte dell'icona* - Edizioni Paoline, Roma, 1982.

1.1- O contexto Judaico

A imagem é usada pelas religiões desde muito cedo na história humana, no nosso caso, interessa começar por um apontamento acerca da História de Israel, para o povo judeu, o uso da arte era pouco comum. O seu culto era primitivamente prestado em lugares, montes, fontes, poços, e com a construção de altares de sacrifício. No livro do Génesis Deus apresenta-se como Deus Criador, em Gn 2, 7-8, 22 Deus cria o homem do pó da terra a partir do barro, e modela-o como um artista. Deus aprecia a sua obra e diz que é boa e muito boa, aprecia a beleza. A obra criadora de Deus é fonte de conhecimento, beleza, prazer estético. Ao homem dá a ordem de conhecer e dominar a obra criada segundo o coração do próprio Deus.

Com a sedentarização surge a necessidade de construir, primeiro a arca da aliança, e mais tardiamente ainda surge a construção do templo e o seu embelezamento artístico. A arte inicialmente não era permitida no culto Israelita conforme constatamos na Sagrada escritura nos livros do Êxodo e do Deuteronomio, a proibição do uso da imagem é bem clara nas seguintes passagens - (Ex 20,4 e Dt 5,8)³:

“Não farás para ti imagem esculpida nem representação alguma do que está em cima, nos céus, do que está em baixo, na terra, e do que está debaixo da terra, nas águas.”.

Esta proibição trata as questões do culto feito a divindades zoomórficas e de outras divindades pagãs que estariam a influenciar o povo. Moisés enfrenta esse problema, quando o povo resolve construir um bezerro de ouro, esse desvio provoca a ira de Deus. Contudo, essa exceção do uso de imagens, naquilo que trata a arte, aplicasse somente no que diz respeito á idolatria, e não ao embelezamento, e á arte em si. Quando Moisés é incumbido de construir a arca, são convocados artesãos capazes de executar o trabalho. O

³ BIBLIA SAGRADA - Difusora Bíblica; Franciscanos Capuchinhos; Lisboa – Fátima; 2002 – Nota: Todas as citações bíblicas são feitas com base nesta tradução.

próprio Deus garante a destreza e capacidade destes homens. Deus dirige, direcciona o trabalho. Assim vemos em Ex 25, 22:

“Colocarás o propiciatório sobre a Arca e porás dentro da Arca o testemunho que te darei. É ali que me encontrarei contigo; é do alto do propiciatório, entre os dois querubins dispostos sobre a Arca do testemunho, que te comunicarei todas as minhas ordens para os filhos de Israel”.

O culto é feito somente a Deus, nenhuma imagem é digna Dele, e de O representar. Contudo, é usada no culto não para O representar, mas como instrumento para chegar a Deus. O culto é prestado não á imagem, mas Àquele que Ela de forma imperfeita pretende representar. O que Deus havia condenado anteriormente era a idolatria (construíram um bezerro de ouro para adorar). A arca da Aliança é como um trono para Deus, não é motivo de adoração, mas símbolo da Aliança de Deus com um povo, o seu povo. A arca, inicialmente, está guardada na tenda, onde os sacerdotes prestam o culto a Deus. Mais tarde com David e Salomão, ou seja com sedentarização da população, surge a construção do grande templo de Jerusalém para onde a arca foi enviada e colocada. A arte figurativa era praticamente inexistente, os motivos esculturais eram geométricos no máximo. As imagens existentes no templo seriam somente as dos querubins da arca da aliança, animais, bois, leões, e de plantas. O medo da idolatria estava muito presente, os profetas preveniam acerca desse medo⁴. Por outro lado a arte, não deixa de estar presente, na poesia, nos cânticos, nos Salmos, na música. Contudo a criatividade humana foi ferida, está limitada, porque o homem caiu, e o pecado condiciona a criatividade humana e a sua capacidade de apreciar essa mesma criatividade. Porém através da Fé em Jesus Cristo o homem pode ser reparado buscando a verdade através dos olhos da fé e da razão.

1.2- A Arte Paleocristã

⁴ Cf. PLAZAOLA, Juan - *Historia del arte Cristiano* - BAC Manuales 20. Madrid, 2001, p. 4

No seu contexto mais primitivo a arte cristã, ou Paleocristã, tem os seus primeiros apontamentos no contexto judaico – cristão, geograficamente situado entre a Judeia e a Síria. O cristianismo foi herdeiro da sensibilidade judaica, o uso das imagens era escasso mas existia nos primeiros tempos do cristianismo, era constituído sobretudo de símbolos e pelo uso de Letras, representações de animais, plantas. As comunidades judaicas da diáspora, tal como as cristãs com o tempo e pelo contacto com outras culturas como a helénica, vão absorvendo o gosto pela arte figurativa. A casa de “Dura Europos” na actual Síria foi inicialmente uma sinagoga e é mais tarde transformada numa igreja Cristã, nas paredes do seu baptistério possui cenas inspiradas nos evangelhos como a imagem do Bom Pastor, a cura do paralítico, ou a Samaritana. Mas também do antigo testamento como de Adão e Eva no Paraíso, pinturas simples, mas que vão directas á cena representada do evangelho. Circundando o espaço da casa, elas vão criar um ambiente e uma atmosfera de contacto com a palavra revelada⁵.

Ao espalhar-se pelo Império romano a arte cristã passa a ter então um teor figurativo, a imagem enquanto figura que retrata cenas do evangelho, torna-se apreciada pela sua capacidade didáctica. Abandona o conteúdo judaico que nega uma arte tão figurativa. Embora ainda subsistam os elementos geométricos e zoomórficos, e nos novos elementos cristãos começa a fazer-se uso da Imagem humana enquanto elemento da arte cristã; esta nova arte vai tornar-se algo de quase fundamental para o culto cristão; ela é símbolo poderoso que nos liga a Deus. Ela torna-se ponte, um elo de ligação. Assim, a Imagem não é por si só o alvo do culto, mas serve para o culto a Deus, a liturgia cristã une-se á arte desde cedo. A imagem da Divindade por si só não constitui nada, é sem valor, não passaria de um objecto dotado de alguma beleza mas que sem aqueles que através dela prestam culto não teria o mesmo valor cultural. Assim, o seu uso pelo culto fala direccionar-se para Deus, conta histórias, educa, é símbolo. É manifestação de fé do artista e daqueles que com fé participarem do culto. A Arte faz a ligação com o transcendente, não por ela mesma mas por Aquele que ela visa, se direcciona, ou seja, para Deus, através do culto sagrado a Deus, na Sagrada Liturgia.

⁵ *Ibidem*, p. 8

As primeiras imagens de Jesus Cristo eram sobretudo alegóricas, não era pretendido fazer-se um retrato real Dele, temos exemplo nas catacumbas romanas, aí encontramos vários exemplos: o Mestre que ensina, o peixe, a fonte, ou ainda o Pastor que pastoreia (o Bom Pastor), todos são símbolos de Cristo⁶. Esta imagem do Bom Pastor, por exemplo, era muito usada na antiguidade cristã, o pastor era o “*Logos*” Aquele que tudo criou, o original de tudo o que foi criado; em suma, o pastor é símbolo do protótipo de toda a criação, ou antes, é O Pastor de toda a criação. Ele põe a humanidade perdida às costas e carrega o seu peso, conduzindo-a para o redil seguro. Esta imagem é portanto como que um resumo da história da salvação, o pastor de Israel encarna e entra em acção, conduz o seu povo, vai em busca das ovelhas perdidas, e aquelas que O conhecem seguem-no⁷.

Nas Catacumbas de Roma, e noutros lugares como em Alexandria, Grécia, Nápoles e outros, nestes cemitérios, onde eram efectuado o culto aos mártires Cristãos encontramos também ai um tipo de arte que sendo simbólica encaminha e conduz os crentes, através desses símbolos como o Peixe (em grego *ICHTHES* que significa – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador) que simboliza O Cristo, O Bom Pastor. Esta arte cristã primitiva e simples era funcional pois viviam-se tempos de perseguição e a arte teve este papel de símbolo onde sem se revelar que se é cristão se podia comunicar uma mensagem cristã⁸. Com o Imperador Constantino, a arte cristã ganha novas dimensões, sobretudo na arquitectura, na escultura, nos mosaicos e fresco. O Cristianismo, é agora a religião oficial do Império, a sua arte deixa de ser algo de escondido, sai para a rua, inicia-se uma nova época na arte cristã com a construção e embelezamento das Igrejas cristãs com uma intenção que é sobretudo cultural e pedagógica.

1.3- A Arte do Ícone

⁶ *Ibidem*, p. 12-13

⁷ RATZINGER; Joseph. - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia - Vol ume XI*. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. P.117

⁸ Cf. PLAZAOLA, Juan - *Historia del arte Cristiano* - BAC Manuales 20. Madrid, 2001, p. 12-13

O ícone surge como uma necessidade do homem crente de contemplar o Sagrado, a imagem do ressuscitado torna-se o primeiro tema, ou seja, o ícone é aquele que mais se generalizará no Oriente Cristão e também no Ocidente até ao século XIII. Então, foi no Oriente que esta arte se desenvolve e atinge um patamar impar. O ícone surge como imagem de Cristo ressuscitado, a sua marca é tal que torna quase como que presente a Divindade para o crente, o ícone é como que um sacramental. É tal a força e importância que adquire esta arte que levará o Oriente a uma crise, a crise iconoclasta. Nesta crise é defendido que os ícones devem ser destruídos, e as Igrejas devem ser despojadas de qualquer tipo de imagem, pois corre-se o risco de que sejam as próprias imagem o motivo de adoração, o que seria uma falsa sacralização da imagem. Pois temia-se que a Imagem em si fosse o motivo do culto, e não Aquele que elas representavam. Esta recusa radical das imagens é denominada como “crise Iconoclasta”. Contudo, esta crise é ultrapassada, e a teologia dos ícones amadurece, o ícone e a forma como ele é feito torna-se bem mais que uma mera construção artística, ele é fruto do reconhecer Cristo na vida dos homens, é um abrir dos olhos para Deus, tal como os discípulos no caminho de Emaús reconhecem Cristo já depois de o acompanharem durante o caminho. Aquele que dedica a sua vida a esta arte, faz esse caminho de descoberta, acompanhado de oração e meditação, não pelo ícone que pinta, mas pelo processo de vida que conduz a uma descoberta de Deus dentro do próprio homem, e que este vai exteriorizar. Este movimento produz uma descoberta que leva a um ato de fé e não a uma mera construção pictórica ou um mero retrato. O ícone não é um simples retrato, é uma obra que brota da contemplação do artista, é fruto da fé, da oração, da descoberta de si mesmo como homem que deseja Deus e que o vai descobrindo pouco a pouco, tal como os discípulos ouviam Cristo no caminho de Emaús, e o coração lhes ardia.

A pintura de ícones ainda hoje em dia se faz nestes termos, sobretudo é uma experiência de descoberta da beleza da arte cultural, e não de uma arte ornamental ou esteticista (como afirmava Romano Guardini)⁹. Assim, o movimento interno do artista crente exterioriza-se

⁹ GUARDINI, Romano - *O Espírito da Liturgia* - Coleção “Spiritus”; Armênio Amado – Editor, Coimbra, 1948

sob a forma de arte, mas este movimento é imperfeito. O que é exteriorizado não contempla a experiência interior na sua totalidade, ela é uma imagem incompleta, mas nem por isso é demitida do seu poder que é o de ser símbolo para a fé, o ícone por si não possui esse valor, mas é representação, ou seja, aqueles que o contemplam pela fé e a experienciam, que possuem a dentro de si, reconhecem nela a divindade por detrás. Por si só o ícone não possui o valor, esse valor é acrescentado pelo crente, que reconhece e experiencia através dele a sua fé¹⁰.

No Oriente pelos meados do século VI surgem duas destas imagens emblemáticas, o chamado “*Kamulianium*” – uma estampa da imagem de Cristo – e, mais tarde, o chamado “*Mandylyon*” – uma imagem do rosto de Cristo pintado sobre um pano que lembra o sudário¹¹. Os temas mais pintados e representados pela arte icónica são o rosto de Cristo, o Cristo *Pantocrátor* – Senhor do Universo; Nossa Senhora – *Theotókos* entronizada com o menino Jesus nos braços, estes são alguns dos temas mais antigos que nos chegaram até aos dias de hoje. Contudo, sabemos que o rosto do Ressuscitado era desconhecido, nem os discípulos o reconheceram conforme nos narram as Escrituras. Só vendo com os olhos interiores, com a fé é que é possível reconhecê-lo. Não existe de facto nenhum retrato Dele, mas existem imagens, os ícones que levam e conduzem o crente a uma experiência contemplativa de Jesus Cristo. O ícone provoca uma abertura para o transcendente, que tem origem no interior do crente, este visualiza, e volta a interiorizar. É uma experiência não só visual mas uma experiência de fé. Para o crente o ícone é Cristo, ele olhando a imagem visualiza o Verdadeiro Cristo dentro de si. Ele sabe que é só uma imagem, mas reza, dialoga com Cristo de uma forma real e verdadeira pela fé que possui em si. O ícone nasce da oração, faz-se em oração; ele provoca a oração, liberta o espírito, condu-lo á experiência de fé. Uma experiência de fé que transcendente que visa o Divino, a comunhão, o diálogo com Deus.

¹⁰ RATZINGER; Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia - Vol ume XI*. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 119 – 120

¹¹ *Ibidem*. P. 117

Assim, o ícone visa ser não um simples retrato, mas uma orientação, leva-nos a percorrer um caminho interior com o Espírito que se direcciona, nos direcciona para Cristo e com Ele para O Pai. O olhar que nos ensina a ver Cristo não segundo a carne, mas sim segundo o Espírito (2 Cor 5,17), um olhar que excede que visa o fora do normal, isto é o transcendente. S. Paulo fala-nos do ver a realidade com os olhos do Espírito, não com os da carne. Trata-se de uma visão puramente Cristã presente desde o tempo de Cristo. Também do Ponto de vista artístico e litúrgico esta questão se coloca, e se volta a colocar ao longo da história. Este olhar que excede a visão, mas não a anula, antes combina os dois métodos. Deus não é apenas e puramente transcendente, mas dá-se a conhecer, manifesta-se na história humana, fez-se carne em seu Filho Jesus Cristo. Como diz Evdokimov, além do “não” apofático, que nega qualquer semelhança ou relação da matéria com o Divino, existe também o “Sim” apofático, que diz que existe uma conexão da matéria com o Divino. Um Ícone não é então somente um pedaço de madeira pintado que representa Cristo, mas ponte que liga aquele que o contempla a Cristo, ele em si não possuía a dignidade, mas ganha-a por Aquele que é evocado pelo seu contemplador. Evdokimov diz que “*O ícone é a luz visível Do totalmente invisível.*”¹².

1.4- O II Concílio de Nicéia e a questão iconoclasta

O II Concilio de Nicéia (ano. 787), retratado na Carta Apostólica de João Paulo II “*Duodecimum Saeculum*” de 1987, (na comemoração dos 1200 anos do II Concilio de Nicéia). Neste documento constatamos a condenação do movimento Iconoclasta, que era contrária ao uso da Imagem e a considerava como idolatria; e que até de certa forma rompe com a tradição da Igreja ao proibir o culto com as imagens, e pior nalguns casos proibiam o culto das imagens de Cristo e permitiam as Imagens do Imperador. Este II Concilio de Nicéia vai restaurar a ordem na Igreja. Ao considerar como legítimo o uso dos ícones, ou seja, o uso das imagens na Igreja para a veneração dos crentes. Os Padres

¹² EVDOKIMOV, Pàvel Nikolàjevic - *Teologia della Bellezza: L'arte dell'icona* - Edizioni Paoline, Roma, 1982. p. 224 - 225

manifestaram o desejo de conservar intacta todas as tradições da Santa Igreja, escritas ou não escritas, como é o caso dos ícones. Legitimou-se desta forma a veneração destas santas imagens como representações de Cristo, dos santos, da virgem, etc. Estas passam então a ser consideradas como forma de oração e veneração para os fiéis. São consideradas também do ponto de vista da Igreja como sendo didácticas, educadoras e evangelizadoras. De forma que os analfabetos, como diz S. Gregório Magno, ao contempla-los possam ler nas pinturas, mosaicos, ícones, e nas esculturas, aquilo que não conseguem ler nos livros¹³.

1.5- A Idade Média o novo caminho do Ocidente

A arte cristã no Ocidente assimilou e respirava no seu espírito muito do oriente, e da cultura artística helenística que então prosperava. Esta ligação com o oriente conservasse no ocidente até ao séc. XIII, até ao fim do período artístico conhecido como românico. Assim, a dada altura ocorre uma mudança na representação de Cristo, o Cristo sofredor - o Crucificado - tira o lugar ao Cristo Ressuscitado - O “*Pantocrator*” Senhor do Universo; tão característico da arte da Igreja do oriente. Então, o românico que possuía características orientais, como o cordeiro, o Cristo Senhor do Universo rodeado pelos querubins, e onde a liturgia celeste se tornava presente já na terra, tão característico da arte oriental, é substituído pelo Cristo Crucificado, o cordeiro imolado na sua paixão e morte. A narração da paixão e a historicidade passam a ser a prioridade nas representações artísticas do Ocidente.

Esta mudança acontece devido a uma mudança de paradigma. Assim, do Platonismo, e da sua representação do mundo, com uma arte que torna visível o vulto que não é a imagem verdadeira mas uma mera representação da forma real. Passamos para o aristotelismo, que visa uma representação do real da forma, o objecto consiste de matéria

¹³ ENQUIRÍDIO DOS DOCUMENTOS DA REFORMA LITURGICA - Carta Apostólica “*Duodecimum saeculum*” - Secretariado Nacional de Liturgia (EDREL); 2ª edição, Fátima, 2014; p. 1087, III, 8

e forma, existe, e pela abstracção atingimos o seu fundamento transcendental¹⁴. Contudo no crucificado não deixa de estar lá o que vem a seguir á sua morte, o oitavo dia está lá já, a ressurreição na sua potência, ela está já a um passo. Assim a Cruz aponta para o ato supremo, salvífico e amoroso de Cristo. O ser humano encontra consolação na natureza humana e divina de Cristo, sem deixar de sentir a esperança da ressurreição que sucede á sua morte. Então, a cruz não deixa de apontar para a ressurreição Cristo, apesar da representação artística sublinhar a paixão e a parte histórica, pois é pela vida, morte e ressurreição de Cristo que antevemos o mistério de Deus. Somente um vislumbre do que poderá acontecer. Sublinha-se a humanidade de Cristo pois é pela encarnação que Deus se revela ao homem, pois quem vê o Filho vê o Pai. Esta nova forma de representação continua a conduzir o homem, abrindo o nosso olhar espiritual do mundo para a experiência do transcendente. Estas novas imagens conduzem á oração e á contemplação interior. Assim, a oração brota do interior para o exterior provocando no homem uma contemplação do Deus do qual o homem é imagem, ele vê-o no Cristo Crucificado. Contemplam a imagem verdadeira do homem, o Filho de Deus, que é Deus com o Pai e com o Espírito Santo, e que pela sua encarnação redime a humanidade dando ao homem o estatuto de irmão e por isso de filhos adoptivos do Pai.

O Estilo Gótico irrompe, eleva-se na altura das suas catedrais e na luminosidade dos seus vitrais, o seu espírito é o de elevar, o de fazer transcender este homem caído que agora se quer ergue com o Cristo na cruz. Mas, Este Crucificado que sempre aponta para a ressurreição. Este Estilo novo rompe com o anterior, neste, as cadeias da morte foram quebradas, a esperança está na cruz, ela é a árvore da vida e é o novo trono de Deus. A Cruz é o símbolo da nova aliança de Deus com a Humanidade feita pelo sacrifício Pascal do Cordeiro, Jesus Cristo¹⁵. O novo lado Humano da Fé surge nesta nova forma de arte, estas imagens são um convite para a oração, para a conversão. Mostram uma imagem nova do homem, uma imagem verdadeira, e recorda-nos como este homem foi de verdade

¹⁴ RATZINGER; Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 124

¹⁵ *Ibidem*, p. 126

concebido por Deus á imagem de Cristo¹⁶. Também ganha importância neste período a arte das iluminuras, uma forma de arte que visa o embelezamento dos livros. Cumpriam o papel de ilustrar o conhecimento não apenas cristão ou teológico, mas também em obras filosóficas, etc.

1.6- O Renascimento

O Renascimento aponta uma nova etapa na arte, aponta para a Beleza, para a perfeição da execução técnica. Contudo perde aos poucos a capacidade de fazer o contacto, a ponte com o transcendente. Segundo Joseph Ratzinger (em Introdução ao Espírito da Liturgia) “*o espectáculo da Beleza já não aponta aquilo que está para além de si, torna-se aparente e auto-suficiente.*”¹⁷. A arte renascentista bebe do classicismo dos Gregos e Romanos, e também do seu paganismo. Assim a arte Sacra deixa-se contagiar por esta nova vaga artística e perde parte da sua capacidade de elevar o homem para Deus, elevando o homem para ele mesmo. Os mitos pagãos misturam-se com a história cristã, e a beleza é a medida desta arte, mas nela sente-se o humano mais que o Divino. Diz-nos J. Ratzinger que:

*“esta arte já não se pode designar por arte sacra no seu próprio sentido. Ela não se insere na humildade do sacramento, nem na sua dinâmica que transcende o tempo. Ela quer gozar do hoje e salva-lo com beleza.”*¹⁸.

Hans Kung, na sua obra “*O Cristianismo – Essência e História*”, fala de uma mudança de paradigma, o modelo gótico ainda remanescente da arte Bizantina, é contagiada pelo modelo grego pagão, pelo clássico. Com a queda do Império Bizantino, a Itália é contagiada por uma vaga de filosofia Grega, trazida pelos refugiados gregos. Desse choque nasce o Renascimento em Itália. E assim, o renascimento é também um novo paradigma, na arte centra-se agora no homem como seu modelo, é a alvorada do

¹⁶ *Ibidem*, p. 126

¹⁷ *Ibidem*, p. 127

¹⁸ *Ibidem*, p. 127

humanismo¹⁹. A estética como espectáculo de beleza, julga-se auto-suficiente, emancipa-se, deixando de apontar para o além de si mesma, ao seja para o divino. A beleza agora apontada é a beleza das formas, das proporções, da cor, aquela que se vê só com os olhos. Deixando aos poucos de apontar a Beleza do Divino Criador que era vista pelos olhos da alma humana.

1.7- O Barroco

A arte Barroca no que consiste á Arte Sacra vai beber do espírito da reforma da Igreja. Salienta o lado didáctico da arte, a capacidade desta passar àqueles que a contemplam uma mensagem de fé, que seja evangelizadora, e por isso faz o homem olhar para seu interior, para o seu íntimo. Ela visa de novo o envolvimento com a sagrada liturgia, terrena e celeste. O homem olhando o altar deixa que a cortina se levante e deixa-se tocar de novo pelo transcendente. É um grito de alegria, uma exclamação de Aleluia esta arte barroca²⁰. Aponta mais para o espiritual da arte e surge como reacção contra o humanismo crescente.

1.8- A Contemporaneidade

No séc. XIX, após o período barroco, entrou num período de decadência das artes plásticas, de mundanidade, onde muito do que se colocou nas Igrejas quase não pode ser chamado de Arte Sacra, pode ser arte religiosa, mas com as devidas excepções, falta-lhe grande, genialidade artística. De certo modo aproveitando a expressão alemã, pode-se chamar de “Kitsch”. O movimento litúrgico vai intervir também nesta área e tentar revitalizar a arte do sagrado, incentivando os artistas. Primeiro despojando as igrejas do

¹⁹ KUNG; Hans - *O Cristianismo: Essência e História* - Coleção Nova Consciência, Circulo dos Leitores, Braga, 2002; p. 440

²⁰ RATZINGER; Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 127

que é medíocre, e buscando um novo sentido para uma arte digna da liturgia, e ao mesmo tempo adequada ao homem contemporâneo²¹.

O vazio criado, e a pobreza artística de muitas das igrejas deste período é ainda hoje sentido. Vazio este que reflecte também o vazio espiritual do homem contemporâneo, a crise na arte diz J. Ratzinger:

“reflecte por sua vez a crise da existência humana que, precisamente em tempos de extremo aumento do domínio mundial ao nível material, atingiu – face às questões transcendentais de orientação humana a nível material – um estado de cegueira que quase pode ser designado como cegueira do espírito.”²²

A ciência contemporânea marcada pelo positivismo restringe ainda a visão do mundo ao que pode ser provado e quantificado. Torna o mundo opaco, e a visão do transcendente fica restrita, ficando a liturgia e a arte sacra restringida sem a visão que vai mais além, que toca o inefável, o transcendente. A Divindade torna-se imperceptível ao olhar, a arte serve somente a ela mesma, e não toca, não encaminha, não faz a ponte na direção a Deus. Romano Guardini, na sua obra *“o espírito da liturgia”* fala-nos acerca dos “críticos” de arte que falam da arte sacra sem a pensar no âmbito da liturgia, mas somente na arte pela arte. Numa beleza aparente que não reflecte a verdadeira beleza que até pretenderia representar. Uma cegueira de espírito que não permite ir ao interior do ser humano, á sua alma, e trazer a pura e casta imagem para o exterior. João Paulo II e o Papa Bento XVI, dirigindo-se aos artistas, dizem que a arte deve ser feita através da visão de um artista. Os artistas que busquem a beleza na sua essência superior, através da fé. Para que a arte seja servidora do fim a que se propõem encaminhar, o de fazer a ponte entre as duas liturgias, a liturgia terrestre e a celeste. Conduzindo quem olha a arte Litúrgica a uma experiência religiosa que não seja apenas um olhar sobre uma obra, mas que para a aquele que olha, a olhe para o fim a que a imagem se propõem representar e

²¹ *Ibidem*, p. 128

²² *Ibidem*, p. 128

que é Divino, o Sagrado, o Transcendente, ou seja Deus. A Arte deve ser fecunda, didáctica, ela deve ser motor, e uma ajuda preciosa para a evangelização.

Capítulo II

A palavra da Igreja aos artistas

Neste 2º capítulo tratamos a questão da Arte Litúrgica. Que quer a Igreja dos artistas? O que pede a Igreja aos artistas? Assim, analisámos na obra “*Introdução ao Espírito da Liturgia*” de J. Ratzinger, principalmente os princípios fundamentais de uma arte ordenada para a liturgia no que diz respeito á Arte Sacra e á sagrada litúrgica na sua relação com as artes, porque nos mostra uma análise profunda da Sagrada liturgia e porque que vai ao encontro da tradição da Igreja. Analisámos também a sua principal influência, Romano Guardini e a sua obra “*O Espírito da Liturgia*”, interessando-me os conteúdos que tratam da questão da arte litúrgica. Urge reler o que nos diz o Concílio Vaticano II; Temos então além da grande influência que foi R. Guardini, como sendo das principais influências no pensamento de J. Ratzinger, temos também os documentos conciliares como a constituição “*Sacrosanctum Concilium*” que dedica o capítulo VII á arte intitulando-o de “*Arte e as alfaias sagradas*”; mas convém reler o documento de Paulo VI: “*Mensagem do Concílio à Humanidade*” no que diz respeito aos artistas; Outra referencia a ter em conta é a “carta aos artistas” de João Paulo II de 1999 e ainda o discurso de Bento XVI aos artistas.

Debruçamo-nos também no pensamento teológico-litúrgico que apontam caminhos a seguir na questão da Arte litúrgica. Assim seguirei com Juan Plazaola que sistematizou esta questão ao longo da sua vida, e com Marko Rupnik que pela sua veia artística,

experiência e obra consolidada, bem como pelo seu pensamento consistente e conciliador. Também Plazaola e Rupnik escrevem acerca da arte litúrgica e de que artistas precisa a Igreja. Restrinjo-me principalmente aos documentos conciliares e dos Papas. Quanto aos autores escolhidos, pela sua coerência teológica, abordagem histórica e porque podem ser considerados como uma linha condutora, integradora e esclarecida com obra e provas dadas no pensamento teológico e Litúrgico da Igreja. Alinham a reforma litúrgica da Igreja com a sua aplicação e abertura ao mundo, e ao mesmo tempo pela fazem uma valorização da tradição da Igreja constroem ponte com o mundo da arte.

1 – A Arte e a Liturgia

Joseph Ratzinger considera a Arte Litúrgica ou Sacra como forma inspirada de o homem tentar conhecer a Deus, principalmente se esta se entender no concreto da liturgia Cristã, no Culto. Assim, Ratzinger escreve sobre a arte Sacra indo ao encontro da tradição e da obra de Guardini “*O Espírito da Liturgia*”. No que respeita á arte sacra, J. Ratzinger, nesta sua obra “*Introdução ao Espírito da Liturgia*”, diz que a arte Sacra não é uma simples produção, antes é algo que deve partir da fé, do dom de Deus que dá ao homem, da capacidade inspirada de produzir e renovar a visão humana e contemplativa do crente. A arte Sacra serve a Sagrada Liturgia, ajuda o ser humano a desvelar o mistério através de uma imagem inspirada e inspiradora que deve conduzir o homem que a produz e aqueles que a contemplam a ser protagonistas de uma experiencia que não se quer sentimentalista, mas sim uma experiencia viva de fé que seja contemplativa do mistério divino. A beleza da arte parte do espírito de Deus que se revela inspirador no coração do artista, pela sua experiencia de fé, e mesmo que não seja crente, pede-se ao artista que busque aquela inquietude no seu ser que sempre procura a verdade, o amor, o ilimitado; buscando aquela sede de infinito comum a todos os homens que os empurra para o divino mesmo que não o saibam, muitos fazem assim experiência de Deus²³.

²³ RATZINGER; Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 132

Joseph Ratzinger defende um conjunto de princípios fundamentais para uma arte ordenada para a Liturgia. Estes princípios estão descritos na sua obra *“Introdução ao Espírito da Liturgia”*²⁴. Aqui vamos apresentá-los e aprofundá-los um pouco. Ratzinger segue de perto o Concílio Vaticano II, assim como a tradição da Igreja, de defender a beleza Divina presente nas obras de arte inspiradas pela fé. Na liturgia essa Beleza deve ser excepcional, um verdadeiro sinal da presença Divina reveladora na vida do homem crente ao contemplá-la no culto divino, guiando-o, orientando-o mais além, direcionando-o para o transcendente, enfim unindo a liturgia terrena com a liturgia celeste.

a) A ausência de imagem não é compatível com a encarnação, Deus fez-se presente como homem – Jesus Cristo - pelo que deve também ser assim humanamente retratado. João Paulo II diz-nos que *“A arte na Igreja deve ter a preocupação de falar a linguagem da encarnação e exprimir com os elementos da matéria”*²⁵, Aquele que se dignou a ser matéria para realizar a obra salvadora do Pai. Tudo isso dentro das variantes artísticas que ao longo dos tempos foram surgindo, pela grande diversidade de técnicas formas e de estilos artísticos. A iconoclastia não é uma opção cristã, a ausência de imagem não deve ser aceite nos dias de hoje nem nunca. Na carta apostólica *“Duodecimum Saeculum”* João Paulo II reafirma as verdades contidas no II Concílio de Nicéia em relação ao uso da Imagem no culto. Então, no oriente e no ocidente mantém-se essa veneração das imagens que pela sua beleza nos conduz á Beleza Verdadeira e Divina. Diz-nos esta carta que *“A arte cristã autêntica é aquela que, através da percepção sensível, leva à intuição de que o Senhor está presente na sua Igreja,”*²⁶.

²⁴ RATZINGER; Joseph - *Introdução ao Espírito da Liturgia* - Paulinas; 3ª edição, Prior Velho; 2010. p. 95 - 98.

²⁵ ENQUIRÍDIO DOS DOCUMENTOS DA REFORMA LITURGICA - *Duodecimum Saeculum* - Secretariado Nacional de Liturgia (EDREL); 2ª edição, Fátima, 2014; p. 1090 (- 113 – IV - 11)

²⁶ *Ibidem*. p. 1090

b) Os conteúdos da arte Litúrgica estão em toda a história da salvação, em toda a sagrada escritura, e também na vida dos Santos e tradição da Igreja. A arte deve lançar-se sobre esses conteúdos e fazê-los ganhar uma nova vida através da visão única do artista, que através destes conteúdos expressa uma visão sua através da beleza da arte. “*A Arte sacra deve tender a proporcionar-nos uma síntese visual de todas as dimensões da nossa fé.*”²⁷.

c) As imagens remetem para a vida de Deus com os homens, e assim para os Sacramentos, em especial a Eucaristia e o Baptismo. A imagem de Cristo tem como centro o seu mistério Pascal – Deus encarnado, crucificado e ressuscitado. Contudo Ele já não está entre nós, isto é, não podemos vê-lo e ouvi-lo de uma forma directa porque Ele já não está sujeito às leis do tempo e do espaço desta realidade. É através dos “sinais” e dos “símbolos” que na celebração poderemos perceber este protagonismo de Cristo e da Igreja, os sujeitos reais da celebração²⁸. As celebrações dos Sacramentos na Igreja não se podem entender nem viver adequadamente sem esta abertura ao Mistério que as habita. E aqui virá ao de cima o lugar das artes e a sua necessidade na celebração litúrgica.

d) As imagens não são meras representações visuais, elas são assistentes da sagrada liturgia. Elas devem conduzir na sua natureza para além daquilo que se vê, remeter para os sentidos interiores, para os domínios da alma humana e fé do crente. E provocar no não crente uma inquietação que o faça progredir na busca de algo superior e misterioso e o faça encontrar a fé no Deus que se revela em Cristo. A arte é assim evangelizadora. Dá um novo olhar sobre o mundo á luz dos sentidos interiores e não somente dos exteriores. A arte aliada á liturgia; a beleza e a ritualidade permite-nos arrancar as coisas, os espaços, os comportamentos, as palavras e os gestos á sua vulgaridade e insignificância para os

²⁷ *Ibidem.* p. 1090

²⁸ Cf. IGREJA CATÓLICA - Catecismo da Igreja Católica – Cráfica de Coimbra; Coimbra, 2000. Nº 1145-1152 – Nestes oito pontos são o catecismo esclarece a questão do sinal e do símbolo na celebração dos Sacramentos e na Sagrada Liturgia.

transferir em algo de infinitamente mais rico, para o transcendente. A celebração litúrgica permite-nos uma abertura, uma saída do comum e do banal elevando o espírito humano, abrindo-o á transcendência do mistério na transparência e beleza dos sinais e símbolos transfigurados.

e) Sem fé não pode existir uma arte sacra ou litúrgica, dedicada ao culto e situada num espaço sagrado. Diferencia-se da arte religiosa a arte litúrgica, tomemos as palavras *de J. Ratzinger*:

*”A Arte não pode ser produzida, como se tratasse de encomendar e produzir aparelhos técnicos. Ela é sempre dom. Não se pode conceber inspiração, ela deve ser recebida – gratuitamente. (...) Ela pressupõe, sobretudo, o dom do olhar novo. Por isso, deveríamos fazer o maior esforço possível para alcançar uma Fé que fosse contempladora. Onde ela existe, também a arte encontrará a expressão certa.”*²⁹.

Não se trata de produzir obras de arte em série, como numa linha de produção, mas algo vem mais exigente e profundo; não se trata somente de produzir algo num momento de inspiração humano, mas esse produzir deve ser feito desde o interior do homem, desde a sua experiência de fé que ele como artista deve tentar reproduzir no exterior.

2 - Romano Guardini um ponto de viragem

A obra de Romano Guardini, *“O Espírito da Liturgia”*³⁰, que foi escrita na primeira metade do séc. XX, que nasce num tempo em que a liturgia necessitava e caminhava num espírito de reforma. Então, tal reforma adiada no concílio Vaticano I, só será realizada no

²⁹ RATZINGER; Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 131 - 132

³⁰ GUARDINI, Romano - *O Espírito da Liturgia* - Coleção “Spiritus”; Arménio Amado – Editor, Coimbra, 1948

concílio Vaticano II. Contudo essa reforma brotará dos estudos de homens como R. Guardini e do movimento da reforma litúrgica que ao longo da primeira metade, e início da segunda metade do séc. XX, foi tentando criar algo de reformador na questão litúrgica tentando encontrar respostas que satisfizessem o homem contemporâneo. A questão da Arte Litúrgica e as questões da Beleza e da Estética são continuamente abordadas ao longo da sua obra. Debruçamo-nos agora um pouco sobre elas, pois são fundamentais para seguirmos a obra de J. Ratzinger que lá vai beber, assim como o Concílio Vaticano II, a carta que escreve o Papas João Paulo II e Bento XVI que se dirige aos artistas falando-lhes da arte que a Igreja necessita e de uma aproximação, um estabelecer pontes com o mundo das artes.

Desta forma a análise desta obra é de suma importância para o estudo da Liturgia e da arte sacra contemporânea. É uma obra cujo conteúdo se revela muito actual no que diz respeito ao estudo da arte sacra e da sagrada liturgia; surgem as questões: Que beleza? Que formas puras? Nos fazem conduzir para o Divino. O artista homem de fé que experiencia o divino em si e o torna presente pela sua arte bela que direcciona o nosso olhar de crente para a beleza mais autêntica e verdadeira. Também pela distinção do que deve ser a arte Litúrgica, a religiosa, a arte sacra e da arte pela arte que se distancia do divino centrando-se no eu egoísta do homem ou numa beleza menor e superficial. A arte Litúrgica abre horizontes, e a arte sem fé restringe e aprisiona o homem que se fecha numa visão restrita de si mesmo. A arte sagrada deve abrir horizontes pela contemplação do mistério divino, que ela tão continuamente nos habituou a experimentar pela mão inspirada do artista.

A essência da Liturgia é o culto a Deus, culto colectivo, regulado pelos Ministros Sagrados, os Sacerdotes. A liturgia é a norma para as outras experiências espirituais, é a “*Lex Oranti*” que pauta toda a vida do Cristão, e assim também dos artistas que queiram fazer a experiencia de produzir arte com o fim de servir a sagrada liturgia³¹. O *Estilo* é a forma que e o artista encontra de exteriorizar a sua visão interior, cada um segue um estilo, que pode ser próprio e único, ou então uma tendência mais geral na qual ele se

³¹ Ibidem. p. 11

revê. Um estilo pode ser mais abrangente e global, como o gótico ou o barroco, ou pessoal, específico a cada artista pela sua experiência pessoal, sendo uma visão sua, embora possa derivar de um mais geral³². Em todo o caso a obra de arte é sempre uma visão pessoal que se manifesta numa linguagem que pode ser mais ou menos universal. Tal como um músico ou poeta o exprimem, também o artista plástico usa uma linguagem mais ou menos universal, que usa para se exprimir. Contudo, convém entender que tudo o que é experimentado pelo artista e transmitido na sua obra só será entendido se este usar uma linguagem abrangente. A sua mensagem passa, é eficaz, pela capacidade com que a sua linguagem chega á generalidade dos homens. Acerca deste ponto R. Guardini esclarece da seguinte forma a questão:

“Pelo estilo, na obra em questão, o particular apaga-se diante do geral. Tudo o que é accidental, tudo o que está estritamente envolvido no tempo e no espaço, tudo o que não vale senão para um homem, para um ser determinado, é fatalmente dominado pelo que é necessário e válido para todos os tempos, para todos os lugares, para todos os homens. O particular é absorvido pelo Tipo.”³³.

Este carácter geral e universal é necessário e vital para a arte litúrgica, para que a sua mensagem e os símbolos sejam funcionais e fundacionais. Se a arte for demasiado particularizada, deixa de ser funcional liturgicamente, deixa o geral e veste-se do particular. Como vimos no início, a liturgia serve um fim universal e não particular. Assim prossegue Guardini *“Um verdadeiro estilo, mesmo nas suas mais severas formas, conserva sempre intacto o seu vigor expressivo.”³⁴*. Quando contemplamos uma imagem de Cristo, não olhamos somente essa imagem e fazemos uma ligação com uma imagem que temos no banco de dados do nosso cérebro, e que por sua vez liga o que vemos a um conceito. Quando olhamos a sua imagem, Ele faz-se presente em nós. Não se trata de uma mera evocação, mas de uma presença real e verdadeira de Deus feito homem. Nós rezamos, celebramos, mostramos o nosso coração, dialogamos frente a essa imagem. A

³² *Ibidem.* p. 41 - 42

³³ *Ibidem.* p. 43

³⁴ *Ibidem.* p. 44

Liturgia deve ser encarada desta forma, através da Fé, assim também a arte que se quer litúrgica deve ser encarada assim. A imagem serve para ver, para exteriorizar a fé do crente, ele vê Cristo na imagem, e para o crente, essa imagem é Cristo, é símbolo da Sua presença real. Para o não crente, essa imagem, é apreciada pela sua estética, pela sua história e por aquilo que ela representa. Mas ele vê somente uma imagem, não vê a com os olhos de um crente, com os olhos da fé. O Deus vivo e verdadeiro não se faz presente para ele. E a plenitude da função litúrgica que essa imagem possui não é nele plenamente manifestada. Contudo não deverá deixar de provocar nele uma inquietação, mesmo que quase imperceptível, ele não deixa de sentir a beleza dela, que é reflexo da Beleza Verdadeira. Existe em todos os homens algo de eterno, que eleva até ao transcendente que capta as representações e que não os deixa completamente indiferentes. Dai a necessidade de a Igreja se apetrechar das melhores obras fruto dos artistas mais capazes. Então ao contemplar as manifestações que os artistas criam, todo o homem que se deixa tocar pelo Espírito criador, cada um de maneira diferente em sintonia com a experiência pessoal de cada um. Existe assim algo de particular, que é a visão do artista, e que ele expressa pela sua arte de uma forma física, possuindo um carácter mais ou menos geral, mas que ele faz visando manifestar noutros uma experiência que nunca será igual á sua em particular. Essa imagem espelha-se na vida interior do observador, através dos sentidos interiores e provoca nele uma experiência diferente da do artista na medida em que todos somos indivíduos com experiência de vida diferentes. Mas também no conhecimento geral e universal, e também pela fé que possam ter em Jesus Cristo³⁵. Nunca deixa o carácter pessoal e particular de ser a visão de um só indivíduo, mas parte para o universal, através da capacidade que este indivíduo (o artista) possui de fazer pontes com o universal, através de lugares comuns, que no caso são a Fé, a Liturgia, a Beleza, a Verdade e a Arte, com toda a simbologia Cristã.

Quanto ao símbolo, o simbolismo litúrgico de que a Arte se reveste e manifesta a fé cristã. Acerca disto, R. Guardini diz-nos que o símbolo estabelece uma relação viva entre o espiritual e o corpóreo, assim o “*símbolo nasce todas as vezes que o interior, o*

³⁵ *Ibidem.* p. 51 - 52

*espiritual, encontra expressão no exterior, no corpóreo.*³⁶. Mas o que faz dar origem ao símbolo?

*“O verdadeiro símbolo nasce como expressão natural dum estado de alma determinado. Mas o símbolo, ao mesmo tempo que satisfaz a condição de reflectir um estado de alma positivo e preciso, deverá – conformando-se com a lei geral da obra de arte - elevar-se acima do particular. Não será apenas encarregado de exprimir um conteúdo psíquico acidental e único no tempo, mas será ainda investido numa mensagem geral relativa à alma e à vida humana.”*³⁷.

Então, conhecer o simbolismo litúrgico é algo que brota de uma aprendizagem, da família, da comunidade, da catequese, da assimilação da doutrina cristã, da Fé em Cristo. Um ateu olha de uma forma diferente para um crucifixo e um crítico de arte poderá olhar de uma outra forma. Mas este símbolo não deixa de ser universal. É necessária uma vivência interior que vê no símbolo muito mais do que ele mesmo significa por si só, é um conhecimento que vai muito mais para além dele mesmo. Um crucifixo por exemplo, são duas linhas que se cruzam. Pode ser representado de modo infinito, mas o seu simbolismo é sempre o mesmo. O símbolo quanto mais universal for, mais se aproxima daquilo que simboliza, mais se liberta das restrições humanas, e até culturais e religiosas, torna-se universal. Diz-nos Guardini a esse respeito:

*“O símbolo é tanto mais precioso e merece tanto mais o título de símbolo quanto o valor espiritual em questão, fundindo-se no molde da forma sensível que lhe corresponde, aí se tiver mais total e integralmente libertado, aí se tiver tornado mais universal, e aí brilhar com maior limpidez. Separa-se então do indivíduo onde nasceu para se converter em bem comum da humanidade, e isto na proporção em que tiver brotado de maior profundidade de vida.”*³⁸.

³⁶ *Ibidem.* p. 60

³⁷ *Ibidem.* p. 61

³⁸ *Ibidem.* p. 61

Na Liturgia, os símbolos, os gestos as Imagens, a arte litúrgica ou a música litúrgica são fundacionais e fundamentais para o culto, para a elevação do espírito humano até ao Divino (*religare - religião*). Os símbolos possuem um poder de interiorizar e exteriorizar que as palavras por si só não conseguem alcançar. E tornam assim a Liturgia uma experiência bem mais rica e profunda, experiência que é íntima, viva, e que produz união e relação entre o humano e o Divino Criador.

2.1 A Arte útil á Liturgia

A obra de arte não possui um sentido estritamente prático, mas antes possui um sentido de ser, de ser algo que nos faz ir mais além, olhando a forma como o artista a faz nascer de uma forma natural de dentro de si, apesar da sua beleza ela é no entanto um mero reflexo da Beleza Verdadeira. Tal como também não é imagem perfeita da visão do artista, muito menos o é em relação á sua forma plena. O utilitarismo mata esta beleza da arte, pelo que a arte aliada á liturgia não se deve ficar somente pelo sentido prático, mas sobretudo, pelo sentido que ela invoca que conduz e faz experimentar algo de Sublime. Romano Guardini fala-nos de uma dualidade fundamental na vida da Igreja: diz ele que:

*“A utilidade é o alvo do esforço e do trabalho; o sentido é o conteúdo da vida, da vida em flor e em eflorescência. Os dois pólos do ser são: Utilidade e Sentido, Esforço e Crescimento; Trabalho e Produção, Ordem e Criação.”*³⁹.

A razão última de ser da Liturgia é Deus e não o homem, assim o homem ciente da sua humanidade criada e ordenada para Deus, deixa a sua alma contemplar o transcendente. R. Guardini diz que *“o homem na liturgia concentra o olhar, não em si, mas todo se volta para o esplendor de Deus”*⁴⁰. Desta forma, aos olhos do crente a Liturgia Terrena como que toca a Liturgia Celeste, de uma forma misteriosa nos sacramentos, em especial no Sacramento da Eucaristia. Então para o crente, não são só os sentidos do corpo, mas também os da alma contemplam e regozijam-se com o transcendente. Na arte litúrgica

³⁹ *Ibidem.* p. 70

⁴⁰ *Ibidem.* p. 72

deseja-se esta unidade. Uma união contemplativa do ser humano onde os sentidos corpóreos e espirituais devem estar activos para que se entenda na sua plenitude e alcance a arte criada com este fim, o culto a Deus. Na arte que se quer litúrgica, ela torna-se numa ajuda preciosa e faz com que a vida íntima da relação humana com Deus seja trazida á luz do dia motivada pela criação do artista. Mas a obra criada, é imperfeita, não passa de uma representação incompleta da vida e visão interior da experiencia vivida pelo artista. O artista ao serviço da liturgia visa e sonha alcançar com O Perfeito, ele traz no seu ser interior uma visão da Perfeição do Divino. Contudo a sua exteriorização é sempre imperfeita, é uma imagem da Perfeição que se contemplará um dia, quando estiver face a face com Deus. Porém a Sagrada Liturgia oferece ao homem a possibilidade e a ocasião de realizar essa visão esplendorosa de conciliar a visão terrena com a espiritual. Através da fé do crente a visão vai mais além da natureza, toca o sobrenatural, mesmo sem o entender plenamente, deixou contemplar uma visão cheia de sentido. Acerca disto Guardini expressa-se assim:

“Eis pois a magnífica realização que a liturgia nos oferece: a arte e a realidade conciliadas e fundidas na infância da “Sobrenatureza” sob os olhares de Deus. O que até ao presente não tínhamos encontrado senão no reino do irreal, no mundo da representação artística, a saber, a forma estética convertida em tradução expressiva da vida humana – transmudou-se agora em realidade.”⁴¹.

A visão do artista está porém limitada pela sua própria humanidade, mesmo que seja crente, sempre existe uma luta entre o que é humanamente possível de ser executado e a visão interior do artista. Ele *“esforça-se por criar uma unidade entre o que deseja e o que possui, entre o que deveria ser e o que é, entre o corpo e o espírito.”⁴²*. O artista vive tentando dar á luz o que tem nas suas entranhas, todavia tudo o que se vê são imagens imperfeitas e inacabadas. O artista vive numa contínua luta que o corrói e enche de dor por não conseguir expressar a sua visão de uma forma concreta e definitiva na realidade existente, numa obra de arte. Contudo, este ato criativo é também um ato de fé, de amor,

⁴¹ *Ibidem.* p. 77

⁴² *Ibidem.* p. 75

uma procura, um movimento do seu ser interior que luta por ver e tocar o transcendente, mas falta-lhe a capacidade de a compreender e abarcar na sua plenitude, e ainda a capacidade de executar essa visão de forma perfeita no real. Acerca disto diz-nos o seguinte Romano Guardini:

*“o Artista é o ser que sofre e luta a fim de conquistar a expressão da vida oculta, sem outro fim que ver essa vida oculta, ali sob os seus olhos, expressa graças aos seus esforços.”*⁴³.

A Sagrada liturgia é o “palco” onde se vai manifestar esta busca de infinito por parte do humano, nela se produz com toda a seriedade aquela inquietude de busca que o artista possui, a capacidade de expressar e exprimir a vida da alma que contempla ou deseja contemplar o infinito, ou seja, Deus. Diz-nos Guardini:

“Só compreendem a liturgia aqueles a quem isto não causa espanto nem melindre. Todos os racionalismos se revoltam sempre contra ela.”. E que viver a liturgia *“é – levado pela Graça e conduzido pela Igreja – tornar-se uma obra de arte viva diante de Deus, sem outro fim que estar e viver na presença de Deus.”*⁴⁴.

2.2 O perigo de uma visão esteticista da liturgia

Romano Guardini no sexto capítulo da sua Obra *“O Espírito da Liturgia”* fala-nos da necessidade de uma “seriedade da liturgia”⁴⁵. Ele introduz este capítulo com a seguinte frase: *“A Liturgia é Vida tornada Arte.”*⁴⁶. Esta arte, chamada de arte litúrgica, corre o risco de se tornar unicamente estética, ou seja, corre o perigo de se ver o culto somente do ponto de vista estético. O autor critica a visão afunilada de alguns críticos de arte que sem o olhar da fé se abeiram da crítica a uma arte que não entendem verdadeiramente. Pois

⁴³ *Ibidem.* p. 78

⁴⁴ *Ibidem.* p. 79

⁴⁵ *Ibidem.* p. 81

⁴⁶ *Ibidem.* p. 81

sem a fé e sem entenderem a visão do criador e artista que se deixou tocar pela inspiração divina, e que projectou na realidade a sua visão, eles entendem poder opinar sobre algo que não são capazes de compreender na sua globalidade e de uma forma clara⁴⁷. A Beleza da Arte Litúrgica assenta na ligação de fé, e não nos parâmetros esteticistas da beleza. Os crentes não pensam na arte litúrgica como arte, pensam nela como símbolo de uma realidade superior, que sabem ser a beleza e harmonia pura. A arte serve o culto, dá um rosto á vida interior, torna visível o louvor, e a fé, na arte das imagens, na arquitectura, no canto. Verdadeiramente a Liturgia deve ser Vida tornada arte. Para que também os sentidos do corpo ajudem a completar a visão contemplativa da alma. Para o Crente que se ajoelha aos pés da Imagem do Crucificado ele não se ajoelha á imagem mas ao Póprio Deus. A Beleza é a imagem exteriorizada da Verdade contemplada pela alma humana. A sua exteriorização cabe aos artistas, especialmente tocados e inspirados pelo Espírito Santo para esta missão. Diz-nos Guardini:

*“a Beleza é o alegre esplendor que fulgura a nossos olhos quando Deus permite que, numa hora favorável, a verdade oculta se revele ao nosso olhar, quando a imagem exterior é verdadeiramente a expressão total e pura do interior.”*⁴⁸.

Contudo, esta imagem exterior quase nunca, ou raramente, é capaz de mostrar de forma verdadeira aquilo que é vivido e contemplado pelos sentidos interiores. Embora seja expressão dessa realidade, o seu suporte físico não passa de uma sombra daquela realidade verdadeira e absoluta. O “*esteta*” ou crítico de arte sem ter este conhecimento mais profundo, não compreende a profundidade da obra de arte, e em especial a arte litúrgica. R. Guardini diz que ele (os crítico de arte) “*já não compreende a natureza radical desta, nem vê o que ela é essencialmente: uma vitória e uma profissão de fé.*”⁴⁹. A forma tem um sentido, possui um fim que é contemplar o conteúdo, ou seja a

⁴⁷ cit. GUARDINI, Romano - *O Espírito da Liturgia* – p.82. “Por toda a parte as pessoas pretensiosas são perigosos parasitas, mas em nenhum sítio estas moscas inúteis que sugam e empobrecem a Vida merecem tão justamente a nossa cólera como quando se lembram de zumbir no santuário.”

⁴⁸ *Ibidem.* p. 88

⁴⁹ *Ibidem.* p. 89

experiência interior, e que sem o olhar da fé esse conteúdo perde-se, ficando por um olhar pela forma exterior que é limitada e incompleta. Ainda que dotada de beleza, ela não é entendida totalmente, falta a chave para se poder fazer uma leitura séria naquela profundidade interior que produz uma experiência de fé. Diz o autor que “*todo o desabafo da nossa vida interior que busque suas razões últimas na própria exibição, na forma, na expressão, desconhece a dignidade.*”⁵⁰. Sem a vivência interior, sem a sua contemplação na sua forma mais pura, sem a verdade que o olhar da fé permite aceder, a representação perde a sua grandeza e a sua dignidade, e não passará de uma sombra daquilo que foi experimentado por aquele que a produziu. Existe um movimento que sai da experiência, da contemplação de algo belo na sua forma total. Esse movimento ao ser exteriorizado, isto é, ao criar a sua obra, o artista vai ser incapaz de a representar de forma total, mas apenas da forma que diz ser aquela que é possível de ser executada. Contudo, aquele que a for contemplar se participar com o artista de uma fé, isto é, se for crente e conhecer os sinais representados, pode entender a visão do artista. Recriando então em si, no seu interior, a imagem que o artista havia contemplado, ela volta ser interiorizada e adquire as formas belas e puras que estiveram na sua gênese. Romano Guardini critica nesta sua obra aqueles que sem serem capazes de reconhecer, e fazer este movimento de reconhecimento da beleza plena contida na obra de arte. Este movimento de exteriorizar e voltar a interiorizar a forma original, sem esta experiência religiosa. O crítico fica somente pelo superficial e pelo supérfluo, sem nunca entender a profundidade da obra que está á sua frente. Ele pode opinar sobre esta ou aquela técnica, sobre a luz e a sombra, sem que chegue sequer á experiência libertadora que fez com que a obra fosse exteriorizada pelo artista.

A arte litúrgica é especificamente criada com a finalidade do culto a Deus, e de ajudar na experiência com o transcendente. Quando o crente olha um cálice, não pensa nas suas formas e na sua beleza artística, no material de que ele é feito, pensa sim no seu significado, importa-lhe a experiência religiosa, a ligação com o divino. Aquele cálice ao ser erguido na eucaristia significa algo muito mais elevado e ganha uma nova

⁵⁰ *Ibidem.* p. 90

significação o cálice do vinho passa a conter o sangue de Cristo, Ele de verdade representa o Divino, e é o Divino que o crente visualiza e comunga com todo o seu ser naquele cálice. Nas palavras de Romano Guardini:

“Produziu-se um grande arranque; uma vida interior deu testemunho do que era e do que devia ser, da missão essencial que nela jazia. Tudo isto se torna para o esteta um divertimento oco.” (...)” *O esteticismo é, no fundo impudico.*”⁵¹.

Na questão da arte religiosa, Sacra, e especialmente da arte Litúrgica, ela é bela por ser reflexo da experiência vivida do Sagrado. Diz-nos o Guardini que ela é pura e casta, por brotar directamente de uma experiência de fé e de ser também esse o seu uso, o seu fim é também de ser experiência nos olhos e na alma do crente. Já no “esteta”, o autor chama de experiência impudica, no sentido em que o esteta não entende a sua verdadeira grandeza, ele não experimenta, não contempla a vida interior a que ela conduz. Toda esta riqueza se perde no olhar do “esteta” que se torna incapaz de ver a beleza verdadeira que está para além desta beleza limitada que é a obra do artista.

O artista deve também ele aprofundar a sua relação com a Verdade, ele deve ser verdadeiro e sincero, deve fazer e pôr-se a caminho, viver e procurar a fé a esperança e a caridade que o permitem aprofundar, captar a visão no seu mundo interior e trazer para o exterior tentando através de uma arte autêntica transpor a sua visão para a realidade. Ele necessita dos sentidos corpóreos, mas também do sentido interior, da alma. Acerca disto o R. Guardini retrata da seguinte forma o artista. O artista é alguém que:

“Andará acertado se começar por atribuir pouca importância à qualidade da expressão e à harmonia exterior das formas; e deverá desde o princípio tentar penetrar no âmago da verdade interior e da criação viva que tem perante si. Então, se o momento lhe for favorável, revela-se-lhe a transposição do interior na

⁵¹ *Ibidem.* p. 90

forma que lhe é adequada; e ele experimenta o milagre deste luminoso desdobramento.”⁵².

Os perigos de uma arte superficial que esteja presa aos ídolos da beleza, sem uma profundidade de alma, pode estar dentro da Igreja, pois mesmo dentro da própria Igreja existe esse perigo, esse facilitismo de cair no vulgar e no superficial. O cuidar, isto é o zelo devem impedir que tal aconteça. A Sagrada Liturgia por si propõem o aprofundar de uma relação entre o humano e o divino, ela exprime o que se passa no interior da humanidade cristã. Nos seus espaços, no calendário litúrgico, na arte, na música.

“A liturgia é tudo isto cumprindo-se, revelando-se, ensinando-se, transmitindo-se em formas determinadas do verbo, do gesto, do instrumento ritual e do símbolo. Portanto, antes de tudo e acima de tudo, trata-se aqui de realidade, de aproximação entre uma criatura real e o Deus real,”⁵³.

A Beleza não é o fim, mas o meio. O que se exprime em arte, foi contemplado, foi alvo de uma experiência humana que busca o transcendente, e que Ele mesmo é a verdadeira Beleza.

3 - Bento XVI aos artistas

Neste seu discurso aos artistas, Bento XVI chama a eles e incute-lhes uma responsabilidade redobrada, o de serem eles evangelizadores através da sua arte. O Papa reafirma a abertura da Igreja ao tempo em vivemos, onde a arte procura constantes definições e renova-se constantemente e rapidamente. A busca da beleza verdadeira está bem marcada na natureza do artista, que busca em si mesmo experiência e imagens que conduzem ao transcendente porque quanto mais se aproxima da beleza verdadeira, mais próximo o homem fica de se converter para Deus. Citando as palavras do Papa:

⁵² *Ibidem.* p. 93

⁵³ *Ibidem.* p. 94

*“a autêntica beleza abre o coração humano à nostalgia. Ao desejo profundo de conhecer, de amar, de ir para o alto, para o além de si. Se aceitamos que a beleza nos toque intimamente, nos fira, nos abra os olhos, então redescobrimos a alegria da visão, da capacidade de colher o sentido profundo do nosso existir,”*⁵⁴.

Todos os homens, mas em especial os artistas, são capazes de sentir o transcendente, isto é, de se porem a caminho daquela beleza tão cativante que na sua pureza é alvo da busca incessante do coração humano que busca o Divino. O Papa Bento XVI bebeu das palavras do seu antecessor, João Paulo II quando afirmou na sua Carta aos artistas:

*“enquanto busca da beleza, fruto de uma imaginação que vai além do quotidiano, a arte é, por sua natureza, uma espécie de apelo ao Mistério. Enquanto perscruta as profundezas mais obscuras da alma humana ou os aspectos mais perturbadores do mal, o artista torna-se de certa forma voz da expectativa universal de redenção”*⁵⁵.

Assim o artista pela beleza que expõem pela sua capacidade de produzir a experiência que em si descobriu, Visão sempre única e pessoal. Mas que pela sua transcendência, pela beleza que encaminha para a Beleza Verdadeira, e pela sua aproximação á pureza e ao Universal, nos encaminha para a Beleza una e verdadeira, que provoca naqueles que contemplam a sua obra artística uma experiência que inquieta e apela ao inteiramente outro. Então recordando as palavras do Papa João Paulo II, a beleza é *“chave do mistério e apelo ao transcendente.”*⁵⁶.

A Beleza Divina que se manifesta em toda a parte, na criação, na natureza, na humanidade, e por isso também na criação artística como capacidade humana de buscar Deus alargando a nossa consciência nesta busca. Um caminho empreendido pelas Artes,

⁵⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009- (Bento XVI) - *por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina* - (Allocutioes, 21-11-2009). AAS. XI (2009) 1051

⁵⁵ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1999- (João Paulo II) - *Carta de João Paulo II aos artistas* - (Nunti, 04-04-1999). AAS. XII (1999) 1155; n°10

⁵⁶ *Ibidem.* (n°16).

caminho feito em parte no interior do artista, do homem. E que nos vislumbres que o artista vai tendo da experiência que vive do infinito faz com que a arte também seja algo que faz os outros porem-se a caminho na direção do Divino. Assim, a Arte no âmbito da liturgia assume-se como algo de grande importância e que deve ser tida em conta pelo lugar que ocupa e faz seu. Na experiência de Deus que provoca naqueles que a contemplam, crentes ou não crentes. Se os frescos da capela Sistina animam a fé de um crente, também naqueles que não conhecem a Deus é provocada uma experiência que não os vai deixar indiferentes, cria um sentimento, uma inquietação no seu espírito que também deve ser tida em conta. Então, uma boa imagem cheia de Beleza também pode ser evangelizadora quando dotada dos requisitos certos, da experiência que o artista faz do transcendente e que reproduz na sua arte. A Igreja e os seus responsáveis devem ter esse cuidado de dotar os artistas de meios e ensinamentos evangélicos necessários para que estes atinjam novos patamares na arte que produzem. Nas palavras de Paulo VI, na sua mensagem do concílio á humanidade, ele incita a Igreja e os artistas do seguinte modo:

“Agora para todos vós artistas, que estais enamorados da beleza e que trabalhais para ela (...) Desde há muito que a Igreja se aliou convosco. Vós tendes edificado e decorado os seus templos, celebrado os seus dogmas, enriquecido a sua liturgia.”⁵⁷.

Paulo VI nesta mensagem deixa claro o papel dos artistas na edificação da Igreja, também a arte, e aqueles que a dão á luz têm um papel evangelizador. *“Tendes ajudado a Igreja a traduzir a sua divina mensagem na linguagem das formas e das figuras, a tornar perceptível o mundo invisível.”⁵⁸*. João Paulo II também bebe destas palavras e acrescenta na sua carta aos artistas: *“Para transmitir a mensagem que lhes foi confiada por Cristo, a*

⁵⁷ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II – Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens conciliares; Gráfica de Coimbra; Coimbra, 1998, p. 647

⁵⁸ *Ibidem.* p. 647

Igreja precisa da arte.”⁵⁹, e esta arte também precisa da Igreja. Pede-se aos artistas que encontrem formas de fazer a ponte, e por isso que se reencontrem na experiência religiosa cristã, na Sagrada Escritura, na tradição da Igreja, nos Sacramentos, a sua fonte de inspiração onde podem e devem beber e assim renovar continuamente a sua inspiração. Os artistas com a toda a sua genialidade criadora são uma verdadeira riqueza para a Igreja. Bento XVI, na linha dos seus antecessores, apela aos artistas que se deixem inspirar pela Beleza Divina, de forma a falarem ao coração da humanidade através das suas obras. Que os artistas “*comuniquem a beleza através da beleza*”⁶⁰.

Neste discurso, Bento XVI reafirma a tradição da Igreja de usar a arte como forma de evangelizar, situa-se assim na linha dos seus antecessores, comunga da tradição que antecede o Concílio Vaticano II, e isso nota-se na sua obra “*Introdução ao Espírito da liturgia*” onde fala da importância de uma arte na liturgia. Fala-nos da visão da beleza como formas únicas e necessárias, para que através delas se faça uma experiência do transcendente. Neste período da história humana tão marcado pela indiferença religiosa e pelo ateísmo, a Igreja apela aos homens da arte que não se deixem convencer pelo mundo. Mas que sejam autênticos arautos da verdade libertadora do evangelho de Jesus Cristo. Que sejam eles que pela sua natureza aqueles que Buscam a Beleza, que é esta Beleza verdadeira e incriada que ajuda os homens a encaminharem-se para Deus. A beleza pura, Aquela que não é só forma, mas possui um conteúdo, que é uma experiência quase que mística e na qual o artista ao deixar-se tocar por ela a tenta depois introduzir no mundo através da sua arte. O artista deverá assim provocar um alargar de horizontes para a humanidade, anunciando uma esperança maior que nos transcende a todos. Então, os artistas plásticos devem dispor-se o tornar a palavra divina em imagem viva, em oração e bênção que faz ver e ser tocada pelos sentidos. Essa arte do sagrado é arte litúrgica, e assim é através desta liturgia terrena que nos pomos a caminho, direccionamo-nos para a liturgia celeste. Vemos e sentimos a necessidade de buscar as coisas mais belas para

⁵⁹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1999- (João Paulo II) - *Carta de João Paulo II aos artistas* - (Nunti, 04-04-1999). AAS. XII (1999) 1155; n°10

⁶⁰ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009- (Bento XVI) - *por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina* - (Allocutioes, 21-11-2009). AAS. XI (2009) 1051

louvar a Deus que as criou Ele Mesmo que as inspirou em nós, para que nelas visemos a sua mensagem, a sua Palavra a sua Beleza, o seu Amor.

4 - A Constituição Conciliar e a Arte

Nos pontos anteriores tratamos dos escritos dos Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI acerca da Arte Litúrgica, escritos estes dirigidos em especial aos artistas, mas também a toda a Igreja, e ao mundo. Tratou-se da sua importância para uma evangelização através da beleza, pois é na beleza veremos a Beleza. Aprofundemos agora a questão tratando a direção a seguir que estes sumos pontífices apontam nas suas obras e também de teólogos que se debruçaram sobre esta questão da importância Arte na Igreja, na sagrada liturgia, na evangelização; naquilo que se pede aos artistas, que artistas? E se estes artistas devem ser homens crentes ou não. Estas são algumas temáticas a aprofundar neste ponto.

A Constituição “*Sacrosanctum Concilium*” diz que os artistas devem ser formados e orientados pela Igreja, pois só eles são dotados de uma capacidade única de transmitir a beleza infinita e divina, recordemos as palavras deste documento orientador para toda a Igreja:

“a santa Mãe Igreja sempre foi amiga das belas artes, sempre procurou o seu nobre serviço e formou artistas, principalmente para que os objectos destinados ao culto fossem verdadeiramente dignos, decorosos e belos, como sinais e símbolos das realidades celestiais. (...) escolhendo de entre as obras dos artistas aquelas que estivessem de acordo com a fé, a piedade e as leis religiosamente transmitidas e que fossem consideradas aptas para o uso sagrado”⁶¹.

Afirma-se que a Igreja nunca possui-o, ou considerou um estilo artístico como próprio seu, mas aceitou em cada época as condições próprias do local, do povo, da cultura, mas

⁶¹ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens conciliares; Gráfica de Coimbra; Coimbra, 1998, p. 176

sempre em conformidade com as exigências dos ritos, da liturgia da dignidade do seu fim, o culto Divino. Assim também a arte do nosso tempo terá o seu lugar desde que revestida da dignidade a que se destina. Os artistas sintam-se livres para criar, aprofundando a sua visão da beleza na verdadeira Beleza, e aqui a Igreja deve saber orientá-los nessa sua caminhada de fé. A liberdade artística não está condicionada, nem deve ser posta em causa, antes deve ser orientada em primeiro lugar pelo ordinário do lugar, o Bispo que deve criar uma equipa que oriente as igrejas da diocese para um correcto fim, o da dignidade do culto. De forma a afastar aquelas obras que sejam contrárias á fé e aos costumes e á piedade cristã. Não se deixem levar pelas obras sumptuosas, mas que no cerne das decisões estejam os valores evangélicos, a nobreza do seu fim, que elas sejam verdadeiro sinal de Cristo. E que elas não sejam um contra testemunho pelas suas características. Mesmo usando materiais nobres e caros, deve ser usados com sabedoria e critério, para que não sejam motivo de escândalo. Assim, diz-nos o “*Sacrosanctum Concilium*” que “*Os ordinários, ao promover e favorecer uma arte verdadeiramente sacra, prefiram uma beleza nobre à mera sumptuosidade.*”⁶². Devem ainda, os ordinários estar atentos á dignidade de formas e á execução destas obras de arte sagradas, para que estas não sejam ofensivas pela insuficiência ou mediocridade artísticas.

Os artistas devem ser orientados, pelas indicações do magistério, pelo Papa, que sempre tem este cuidado, pelos ordinários, e pelas equipas e comissões diocesanas para arte sacra e liturgia que devem ser criadas para ajudar o bispo nestas questões. Assim como por todos aqueles que possuem responsabilidade a este respeito na Igreja, os Párocos, os reitores, vigários, etc. Também o Código de Direito canónico trata estas questões no Cãnone: 1216; nota 1216)⁶³ que diz o seguinte:

- Nota 1216: “*A Constituição. Sacrosanctum Concilium (44 - 46) pede que se criem comissões de arte sacra e de liturgia, que devem ser consultadas pelo Bispo*

⁶² *Ibidem*, p.177

⁶³ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO – edição anotada; Theologica, Braga; 1984; p. 906

*no momento de construir ou restaurar uma igreja, e ao julgar as obras de arte sacra.*⁶⁴.

Temos aqui uma nota orientadora que deve ser tida em conta seriamente, e não relativizada, entregando-se ao critério do parece bem, e do mais ao menos. Quer a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, quer o *Código de Direito Canónico* devem ser respeitadas, primeiro pelo bispo ou ordinário, e segundo pelas comissões que devem ser compostas de entendidos nas diferentes áreas, e que por isso também nas questões da arte litúrgica e sacra. Pelo que a formação em Belas Artes também pode e talvez deva mesmo constar no *curriculum* destes eruditos que formam as comissões diocesanas. Assim, do mesmo modo deve existir formação para o clero acerca da importância da arte na vida da igreja, na liturgia e na pastoral. Quer no que toca ao salvaguardar e proteger a arte já existente, quer naquela que vai sendo edificada. A fasquia deve ser colocada bem alta para que surjam os melhores artistas, e os mais capazes de conceber obras dignas de serem chamadas de arte sagrada e de serem usadas na Liturgia.

5 - O Concílio um momento de síntese

O Concílio evoca uma aliança entre a Igreja e o mundo da arte. As artes plásticas, para além do seu uso eficaz e sublime ao serviço da Sagrada Liturgia, podem e devem ser uma ferramenta para a evangelização, como forma de inculturação, de apresentar Cristo a um mundo cada vez mais secularizado. Não basta conservar a arte sacra que se possui nas Igrejas, casas religiosas, e até em museus. É necessário criar novas peças de arte dotadas das características que constituem um sinal da presença de renovadora de Cristo. Um sinal para os gentios do mundo actual da presença humanizante de Cristo no mundo. Uma arte que potencie o encontro, e que estabeleça pontes. Uma arte que dotada de mensagem evangelizadora, seja ao mesmo tempo dotada de excelência artística, beleza e harmonia.

⁶⁴ *Ibidem.* p. 907

Paulo VI, na mensagem do Concílio à humanidade, fala aos artistas chamando-os a por os seus talentos ao serviço da humanidade e da verdade divina. Pede-lhes - “*Hoje como ontem a Igreja tem necessidade de vós (...) não fecheis o vosso espírito ao influxo do Espírito Santo.*”⁶⁵. A Beleza e a verdade alegram o coração do homem, e aos artistas, mais do que a necessidade produzir arte para sobreviver, produzem-na para que esta seja uma marca que define a humanidade pela sua capacidade de criar o belo. E assim, pelas mãos dos artistas brota a beleza no mundo, beleza que faz questionar o coração dos homens. De onde provém isto? Senão da acção do Espírito Santo no coração dos homens das artes, eles com a inspiração, a técnica, a fé e a razão traçam um diálogo com um mundo. Mundo cada vez mais limitado e sem capacidade de ler o transcendente de ver Deus a agir na vida dos homens. A arte ainda é um meio em que o transcendente se faz notar e sentir, e onde se é capaz de chegar às grandes multidões. A Igreja deve pedir aos artistas que sejam leais ao seu ideal, de serem autênticos “guardiões da beleza”. Assim, pela sua inspiração criativa poderão estabelecer pontes entre a humanidade decaída e o divino que deseja levantá-la. As artes terão sempre o apoio, a Aliança da igreja nessa sua função.

A Constituição “*Sacrosanctum Concilium*” (SC) trata a questão da “arte e das alfaias sagradas” no seu capítulo VII, nele encontramos alguns pontos que guiam a Igreja na forma de se dirigir ao mundo da arte. Salienta a necessidade da igreja lidar e saber lidar com esta questão, pede liberdade para os artistas, e pede a estes que a arte que produzam vá ao encontro do Evangelho. Sem uma Igreja que sabe o que pedir aos artistas, não é possível uma arte Sagrada. Pede aos responsáveis, aos bispos diocesanos que criem escolas, academias, comissões⁶⁶, e que estas sejam garantia de uma autêntica produção artística digna de ser posta ao serviço da sagrada liturgia. Com estes homens formados e

⁶⁵ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II – Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens conciliares – *Mensagem da Concílio à humanidade*; Gráfica de Coimbra; Coimbra; 1998; p. 647 - 648

⁶⁶ *Ibidem*, SC, Nº 44 - 46, Pg. 152 – 153

dotados de mestria no campo das artes plásticas e da teologia. E que pela sua arte e pela sua fé desejam servir a Igreja e a humanidade com os seus dons ou talentos artísticos⁶⁷.

A Constituição Dogmática “*Gaudium et Spes*” (GS) aborda no nº 7 a questão da secularização, do abandono da religião e da recusa de Deus que infelizmente é nos dias de hoje uma realidade frequente e em crescimento. Tanto na arte como nas ciências é notória essa secularização. Dai que surja a necessidade de se afirmar na mensagem final do Papa Paulo VI (e nos seus sucessores) que existe uma necessidade de aliar a Igreja e o mundo das artes, reafirmando a sua ligação tão antiga com a arte, mas também em muitos outros âmbitos da cultura humana. O Nº 36 (GS) afirma “*Na verdade, a criatura sem o criador esvai-se. Além disso, todos os crentes, qualquer que seja a sua religião, sempre souberam ouvir a voz e a manifestação de Deus na linguagem da criação.*”⁶⁸.

O nº 59 da Constituição *Gaudium et Spes*, recorda o Concílio Vaticano I. Fala-nos das duas ordens de conhecimento: a fé e a razão. Afirmando a liberdade criadora dos homens “*e que a Igreja não proíbe que as artes e as disciplinas humanas tenham os seus próprios princípios e métodos próprios.*”⁶⁹. Antes reconhece esta liberdade, e afirma a autonomia da cultura humana. O homem salvaguardando a lei moral deve procurar com liberdade e coerência uma verdade superior, que o transcende completamente, sem ser obrigado a servir poderes públicos e económicos.

O nº 62 da (GS), fala-nos da harmonia entre a cultura e o ensinamento cristão referindo o seguinte:

“A literatura e as artes, a seu modo, são também de grande importância para a vida da Igreja. (...) Deve, por isso, trabalhar-se para que aqueles que se entregam a tais artes se sintam compreendidos pela Igreja nas suas mesmas actividades e, gozando de conveniente liberdade, estabeleçam contactos mais fáceis com a comunidade cristã. Também as novas formas artísticas, adequadas

⁶⁷ *Ibidem*, SC, Nº 122 – 129, p. 176 – 179

⁶⁸ *Ibidem*, G.S, nº 36, p. 222

⁶⁹ *Ibidem*, G.S, nº 59, p. 256

aos nossos contemporâneos, segundo a índole das várias nações e regiões, devem ser reconhecidas pela Igreja. Sejam, porém, recebidas no santuário quando com linguagem conveniente e conforme às exigências da liturgia, elevem a mente para Deus.”⁷⁰.

Neste ponto, a Igreja mostra a sua abertura, desejo de entender, compreender, ler os sinais dos tempos. O acolher de novas linguagens artísticas deve ser feito, e sem que seja posta em causa a liberdade da expressão artística, deve-se exigir uma qualidade superior, uma linguagem que não seja subjectiva e medíocre por parte das obras artes, mas que estas tenham e demonstrem também abertura às necessidades da Igreja, e deste onde pela excelência da obra se sinta nela uma abertura a Deus. A arte sacra deve elevar o homem para o transcendente e não ao mundo de sonho e imaginário humano. Deve ser autêntica esta abertura, deve elevar a mente e a alma para Deus. A fé e a razão elevam o humano para o divino. A casa de oração onde se celebra, a igreja, deve ser digna e apta para a sua função. Quer a sua construção quer o seu embelezamento deve ser seguido de perto e orientado de forma a cumprir com os requisitos que a sagrada liturgia ordena para o culto. A arte e as alfaias devem pela sua beleza ser sinal, símbolo que eleva a liturgia terrena. A beleza aparente que os sentidos detectam deve encaminhar pelos sentidos da alma, para uma liturgia que se une com o divino, e por isso para a beleza autêntica e verdadeira.

Assim, escutando o Decreto “*Presbyterorum Ordinis*” (PO) não devemos esquecer o zelo pastoral pelos locais de culto, que sejam locais dignos e belos, e que os responsáveis: bispos, comissões de arte sacra e liturgia, e os presbíteros tornem verdadeiras as orientações do Concílio:

“Tenham os presbíteros o cuidado de cultivar convenientemente a ciência e arte litúrgica, para que, com o seu ministério litúrgico, Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, seja louvado cada vez mais perfeitamente pelas comunidades cristãs a eles confiadas.”⁷¹.

⁷⁰ *Ibidem*, G.S, nº 62, p. 260

⁷¹ *Ibidem*, P.O, nº 5, p. 354 – 355

Os locais de culto e os objectos de uso litúrgico devem ser dignos, belos e práticos. Que não sejam sumptuosos, mas sejam correctamente feitos de forma a cumprirem com o fim com que foram destinados. Que não sejam objecto de escândalo pela falta de materiais nobres nem pelo excesso destes. As artes devem respeitar a lei moral e as suas normas, sem se enredarem por falsas teorias a respeito da ética e da estética. Diz-nos o concílio no Decreto “*Inter Mirifica*” o seguinte:

“O Concílio proclama que o primado da ordem moral objectiva deve ser por todos absolutamente respeitado, visto que este é o único que supera e organicamente ordena todas as restantes dimensões da realidade humana, sem exceptuar a artística, por dignas que sejam.”⁷².

Os artistas devem entrar na realidade das comunidades cristãs, entender a sua profundidade humana, deixar-se surpreender pelo diálogo com os homens de fé e de cultura da Igreja. Mostrar um espírito aberto, dialogante que vise aprofundar uma realidade humana que toca a divina a fé. Sem esta abertura o artista não conseguirá verdadeiramente criar uma arte capaz liturgicamente⁷³. Sem aspirar ao transcendente, sem escutar a linguagem da sua alma. As suas criações serão sempre incapazes de produzir um fruto capaz de ser usado na liturgia. Devem tornar-se sensíveis aos conteúdos religiosos. Fazer caminho em direcção á fé. Unir a sua capacidade única e criativa tão especial nos artistas pela sua sensibilidade, ao desejo de representar a beleza que tanto perseguem os homens da arte como os homens de fé. Devem retomar um caminho que á séculos percorrem juntos, e tão grande fruto tem dado, e de tanta beleza se tem ornado os nossos lugares de culto. O vazio muitas vezes presente não serve o homem, a beleza deve levar e elevar para a plenitude última. E os artistas e homens crentes devem lutar pela arte e não por uma falta dela. A arte deve assim humanizar pela sua capacidade de fazer elevar o espírito humano, o homem deve ser criador embora imperfeito pois é imagem de um Criador Perfeito. O espírito humano arde e eleva-se, sonha, sente, ama, persegue,

⁷² *Ibidem*, I.M, nº 6, p. 584

⁷³ FERRER; Juan M. - FOLGADO; Jesús R. (eds.) - *La liturgia, inspiradora de las artes* - Centre de Pastoral Litúrgica; Barcelona; 2013. p. 41

deseja tocar e ver o Espírito Criador que tudo atrai a si pela sua Perfeição e Beleza Divina.

6 - A estética e arte sacra

O Papa Bento XVI na ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina a 21 de Novembro de 2009 falou na questão da beleza nos seguintes termos:

“O que pode voltar a dar entusiasmo e confiança, o que pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar uma vida digna da sua vocação, a não ser a beleza?”⁷⁴.

Fala o Santo Padre acerca do *“Belo autêntico, não efêmero nem superficial”* que nos faz experienciar e confrontar a nossa realidade quotidiana com o Totalmente Outro, com o transcendente luminoso e belo. A confrontação do homem com o belo, com a verdadeira beleza, produz um sobressalto no homem, um sair de si mesmo. Ele ferido por este encontro, deseja ir ao encontro desta beleza verdadeira, que o arrancou da monotonia e da cegueira e lhe proporcionou um encontro com o transcendente. Diz-nos o Papa que a beleza propagada é muitas vezes ilusória e falsa pois bebe o superficial, do sedutor e do passageiro, de modas e do chamado esteticismo. A beleza deve chamar o homem, acordá-lo da sua vida quotidiana, a verdadeira beleza perturba, abala, provoca, acorda o ser humano para a sua realidade última, para o derradeiro destino. Assim nas palavras do Santo Padre Bento XVI entendemos que ao contrário da beleza puramente esteticista e ilusória, a beleza autêntica converte:

“a autentica beleza abre o coração humano à nostalgia, ao desejo profundo de conhecer, de amar, de ir para o alto, para o além de si. Se aceitamos que a beleza nos toque intimamente, nos fira, nos abra os olhos, então redescobrimos a alegria da visão, da capacidade de colher o sentido profundo do nosso existir, o Mistério

⁷⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009- (Bento XVI) - *por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina* - (Allocutioes, 21-11-2009). AAS. XI (2009) 1051

*do qual somos parte e do qual podemos aurir a plenitude, a felicidade, a paixão do compromisso quotidiano.*⁷⁵.

Recorda ainda as palavras do seu antecessor, João Paulo II, na carta aos artistas, diz o seguinte: *“A beleza é a chave do mistério e apelo ao transcendente”*⁷⁶.

O teólogo jesuíta e artista Marko Rupnik, escreve-nos acerca da beleza, diz-nos que a beleza é Cristológica porque é expressão, e ela exprime a globalidade assim como a integridade da visão de Deus, da criação e da redenção. É vista pelos sentidos do corpo e do espírito por isso faz com que o homem se eleve para Cristo – Homem e Deus verdadeiro - nele tudo subsiste (cf. Cl 1, 16-20). Na obra de Rupnik - “O Evangelho da Beleza” onde ele trata a questão da Beleza ao longo dos tempos, interessa-me mais do que a sua contextualização histórica, interessa o que lá se entende actualmente por beleza do ponto de vista teológico. Rupnik diz-nos seguinte:

*“a beleza exige uma visão teológica de coesão das ciências, dos conhecimentos e das culturas, a favor do ser como pessoa, assumindo-a em todo o seu espectro, da fragilidade criatural, pecaminosa, ferida, até ao esplendor da nova criatura em Cristo.”*⁷⁷.

O estudo da beleza tem um método próprio, dialógico, e que o seu princípio gnosiológico é o Espírito, e é uma ascese parecida com o da criação artística. O artista deixa vir em si, escuta o seu ser interior, a sua alma, e projecta no exterior uma visão inspirada pelo Espírito. Diz Rupnik que *“o artista despoja de si, para deixar-se fecundar”*⁷⁸. A visão do artista no concreto da sua obra é sempre limitada, mas é manifestação da vida interior, da sua alma, dos sentidos da alma que tocam sentem o que o corpo não sente. É expressão e comunicação de uma experiência de fé. Dai que a Igreja pede formação e escolas que

⁷⁵ *Ibidem*, 1054

⁷⁶ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1999- (João Paulo II) - *Carta de João Paulo II aos artistas* - (Nunti, 04-04-1999). AAS. XII (1999) 1159

⁷⁷ MARTO, António; RAVASI, Gianfranco; RUPNIK, Marko Ivan – *O Evangelho da Beleza*; Paulinas; Prior Velho; 2012; p. 121

⁷⁸ *Ibidem*, p. 121

formem os artistas na fé. Muitos mesmo não sendo crentes são capazes de produzir obras com qualidade e beleza que causam uma experiência de fé naqueles que são crentes. Porque um artista sempre busca dentro de si o belo, o puro e a verdade. E isso é parte necessária para produzir a arte que a Igreja necessita, para a pastoral, para a evangelização. Não se trata de uma questão filosófica ou técnica, e até política. O homem desde o tempo das cavernas que busca a beleza nas suas obras, mais que a captação da realidade, é o ver e o observar com o sentido interior. Que leva o homem mais adiante, que o faz questionar-se, inquietar-se. A criação do artista insere-se numa comunidade viva e concreta, que celebra a liturgia, e que necessita da arte para olhar com os olhos da fé. Um Cristo Crucificado dotado de beleza e perfeição eleva o espírito humano, condu-lo para o transcendente. Provoca uma experiência, é sinal da presença real e verdadeira. Na beleza da arte humana vemos a beleza divina.

No ato criativo do artista vemos Deus na sua ação criadora e inspiradora. A arte vai ao encontro da liturgia e devem unir-se. Diz Rupnik que “*A liturgia é, de facto, o eixo da relação beleza/teologia*”⁷⁹, pelo que não pode nem deve limitar-se a um pequeno campo entre as diversas disciplinas teológicas, mas deve abraçar um âmbito mais alargado, interdisciplinar, científico, filosófico, cultural. A liturgia e arte litúrgica devem celebrar a unidade da vida que conduz à unidade de pensamento e da fé. A sagrada liturgia une o homem terreno com o Divino, com o transcendente. A liturgia terrena une-se á celeste. A arte sagrada Liturgia deve revestir-se de beleza de forma a ser didáctica e evangelizadora, ela é comunicação da fé, é anúncio da salvação. Pelo que deve ser credível e verdadeira se for realmente bela⁸⁰ e arrebatadora. A arte é lugar de revelação e de encontro com o divino. O concílio pede que as igrejas diocesanas promovam escolas de arte, arte sagrada e litúrgica, verdadeiramente dotada das qualidades necessárias para o uso litúrgico. Esta arte deve ser grande e capaz de transformar pela beleza. Mais do que a procura de uma estética do imediato e do mundano, que conduz às coisas do mundo, que em vez de elevar o espírito provoca sentimentos que são belos, mas também restritos e incapazes de fazer

⁷⁹ *Ibidem*, p. 122

⁸⁰ *Ibidem*, p. 122

experiencia do transcendente. Os homens das artes devem ser mais que meros artífices, pois estes não são dotados do poder criador que faz do artista um homem que é imagem do seu Criador, o artista deve criar, deve dar algo de si mesmo. Isto é, ele vai extrair algo do seu ser, algo novo, algo único que surge do seu interior e da visão da alma humana. A obra que brota do artista revela a beleza de Deus. No livro da sabedoria (Sab 13, 5) diz que *“Na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador”*. Assim na capacidade do homem criar arte dotada de beleza, embora imperfeita, ela aponta para aquela que é Perfeito, e assim nela se contempla a mão de Deus verdadeiro autor da beleza. O Belo e o Sagrado são aspectos que se complementam, o belo como esplendor das formas sensíveis e o sagrado como esplendor da glória de Deus. Juntos na sagrada liturgia potenciam o encontro do homem com Deus. Na contemplação da beleza o espírito eleva a mente provocando uma experiência de contemplação do sagrado. José Manuel del Rio Carrasco diz-nos o seguinte: *“A graça artística e a graça santificante não se excluem, antes se unem para que na arte surja o sagrado e para dirigi-la até Deus.”*⁸¹. A Igreja sempre procurou a beleza da arte para a edificação dos locais de culto, e deve continuar fazê-lo. É isto mesmo que nos é proposto pelo concílio Vaticano II e por todos os Santos Padres que se seguem. A arte e a sagrada liturgia devem funcionar em união, pois são expressão máxima da aproximação da criatura crente com o Deus-Criador.

7 - A vocação do artista

O artista deve ser um homem de fé? Existe o homem tocar o divino, sem se saber que o faz? Mesmo não sendo “praticante” o artista é sempre humano, e por isso capaz de interagir através dos seus sentidos interiores com o Espírito Santo, que a todos os homens inspira, mesmo sem o saber e mesmo sem o entender. Deus actua, semeia, pede, inspira no coração de todos os homens. Os artistas são, pela sua especial sensibilidade, dotados da capacidade de perscrutarem o seu ser interior. Contudo a Igreja sempre deve procurar

⁸¹ FERRER; Juan M. - FOLGADO; Jesús R. (eds.) - *La liturgia, inspiradora de las artes*; José Manuel del Rio Carrasco: La función de las artes y su aportación a la cultura contemporánea - Centre de Pastoral Litúrgica (CPL); Barcelona; 2013. p. 43

o serviço dos mais haveis, daqueles que fazem já um caminho de fé. Mas não deve ignorar aqueles que ainda não o fazem, eles são dotados de dons que podem por ao seu serviço, e estes até podem começar a procurar e a aprofundar da fé nas suas vidas que até ai estava adormecida. A Igreja deve estar atenta e sempre procurar estes homens, artistas e criadores de beleza, pois o caminho da beleza constitui um percurso artístico e estético, mas também pode e deve ser um itinerário de Fé que a Igreja não pode ignorar.

O abandono da beleza pode por em causa a própria pastoral, a evangelização também vive da produção artística, e da melhor dessa produção. Joseph Ratzinger diz o seguinte acerca do afastamento actual da Igreja face á produção de obras de arte que primem pela sua beleza e riqueza artística, ele critica o pequenez e a ligeireza com que a arte é tratada dentro da Igreja:

“Uma Igreja que se reduza apenas a fazer música “corrente” cai no inepto e torna-se ela própria inepta. A Igreja tem o dever de ser também “cidade da glória”, lugar onde são recolhidas e levadas ao ouvido de Deus as vozes mais profundas da humanidade. A igreja não pode satisfazer-se apenas com o ordinário, com o usual: deve reerguer a voz do cosmos, glorificando o Criador e desvelando ao próprio Cosmos a sua magnificência, tornando-o belo, habitável, humano (...) Se a Igreja deve continuar a converter, portanto, a humanizar o mundo, como pode renunciar à beleza, que está unida de modo inseparável ao amor e juntamente ao esplendor da ressurreição? Não, Os cristãos não devem contentar-se facilmente, devem continuar a fazer da sua Igreja um lar belo – e portanto do verdadeiro – sem o qual o mundo se torna a primeira volta do inferno (...) Um teólogo que não ame a arte, a poesia, a musica, a natureza, pode ser perigoso. Esta cegueira e surdez ao belo não é secundária, reflecte-se necessariamente na sua teologia”⁸².

⁸² RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio - *Rapporto sulla fede* - Edizione Paoline, Roma; 1985, p. 133

Nas palavras de J.Ratzinger vemos como facilmente podemos cair no erro de menosprezar as artes, sem as pensarmos como uma das bases do trabalho pastoral, pensando-as como pormenores, e como sendo uma questão menor. Mais perigoso é quando este pensamento surge no âmbito da liturgia e da teologia. Vemos nesta citação de J. Ratzinger, que a questão das artes e da beleza são parte importante para a liturgia, para a pastoral e para a evangelização, e por isso para aquilo que é fundamental na vida da Igreja. Não apostar fortemente nas artes, na formação de artistas, e no investimento quer da salvaguarda do património, quer na edificação de novo património artístico vai, se já não se tornou, num erro grave que a Igreja deve corrigir.

Juan Plazaola fala-nos sobre o “*carisma da criação artística*”⁸³. Os artistas plásticos, criadores da arte a que chamamos de sagrada e Litúrgica, podem ser designados como homens vocacionados, são chamados por Deus para uma função, o de ornamentar, encher de beleza os locais de culto, as imagens, e as alfaias litúrgicas. No livro do Êxodo, Deus chama aqueles que havia capacitado com os dons de trabalhar a madeira e os metais, inspirando-os a fabricar belos objectos, a arca da aliança, os altares, as tapeçarias, etc. (Ex 31, 1-11). Estes dons são potenciados pelo Espírito de Deus nestes homens, Ele os capacitou e chamou pelos nomes deles. Do mesmo modo a Igreja deve continuar a chamar estes homens cheios de um talento que os torna únicos para a tarefa de criar arte Sagrada.

Assimilemos pois as resoluções do concílio Vaticano II, as palavras da mensagem aos artistas, diz-nos: “*Desde á muito que a Igreja se aliou convosco*”⁸⁴, João Paulo II vai mais longe, na sua carta aos artistas diz “*A arte precisa da Igreja?*”⁸⁵. Ele vai no sentido de provocar nos artistas o desejo de aprofundarem a sua relação com Deus. Bento XVI pega nas palavras dos seus antecessores e diz: “*solicitando assim os artistas a*

⁸³ PLAZAOLA; Juan – *Arte Sacra actual* - BAC Maior 82; Madrid; 2006; p. 33-34

⁸⁴ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II – Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens conciliares – *Mensagem da Concílio à humanidade*; Gráfica de Coimbra; Coimbra; 1998. Mensagem aos artistas. p. 647

⁸⁵ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1999- (João Paulo II) - *Carta de João Paulo II aos artistas* - (Nunti, 04-04-1999). AAS. XII (1999) 1155

reencontrar na experiência religiosa, na revelação cristã e no “grande códice” que é a Bíblia uma fonte de inspiração renovada e motivada”⁸⁶. A Igreja vê no artista um homem vocacionado por Deus que se deixa tocar pelo Espírito, e que pela arte que produz transmite a mensagem de Cristo. O artista é e deve ser um homem vocacionado, ele deve por em prática os seus dons únicos, mas necessita também de orientação da Igreja, contudo também deverá ser sempre preservada a sua liberdade para criar. No seu discurso aos artistas o Papa conclui do seguinte modo:

*“A fé nada tira ao vosso génio, à vossa arte, aliás exalta-os e alimenta-os, encoraja-os a cruzar o limiar e a contemplar com olhos fascinados e comovidos a meta última e definitiva, o sol sem ocaso que ilumina e torna belo o presente.”*⁸⁷.

Nem sempre o artista é crente, nem sempre é um cristão praticante, contudo, nas suas obras parece mostrar o contrário que possui uma presença do transcendente na sua vida, o Espírito Santo sempre trabalha no coração humano, Ele inspira e ilumina o homem. Nos artistas essa escuta é muito mais intensa, e o facto de ele dizer que não é crente, se ele se diz ateu ou agnóstico, isso não invalida a acção do Espírito naquele homem. Principalmente se ele se dispõe á tarefa de servir a Igreja, se resolve escutar e ver as necessidades da comunidade cristã, se ele se questiona, se escuta e pede auxílio aos entendidos na liturgia, se atende às necessidades da Igreja e da comunidade que serve. Certamente pode produzir uma arte que de facto se pode chamar de Litúrgica, pelas suas qualidades artísticas, beleza, e capacidade de ligar, de ser ponte, de ser sinal de transcendência⁸⁸. De facto necessitamos de artistas que sejam capazes de produzir arte sagrada autêntica. Muitas vezes também acontece que o artista apesar de ser crente, não se mostra capaz de produzir uma arte que estabeleça uma a ligação ao transcendente.

⁸⁶ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009- (Bento XVI) - *por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina* - (Allocutioes, 21-11-2009). AAS. XI (2009) 1053

⁸⁷ *Ibidem*. 1053

⁸⁸ Cf. PLAZAOLA; Juan – *Arte Sacra actual* - BAC Maior 82; Madrid; 2006; p. 39

Assim a Igreja deve saber ver essa capacidade em cada artista, olhemos o fruto que produz primeiro, antes de se colocar rótulos de crente e não crente, olhemos a sua obra⁸⁹.

A mensagem da beleza deve estar presente em abundância na Igreja. A tradição mostra-nos a importância da beleza e a preocupação da Igreja de encher os seus edifícios com ela. A capacidade de evangelizar pela beleza não deve ser negligenciada nunca. Deve-se então procurar os melhores artistas e os mais capazes, e, esses, nem sempre são homens de fé, mas outros que ainda a não descobriram e que podem ser instrumentos de Deus, pois o Seu Espírito inspira o coração a muitos homens. E pelas obras vemos e constatamos a acção salvífica, a luz que nos é transmitida que só poderiam vir da acção do Espírito Santo. Os Santos Padres, seguindo a vontade da Igreja manifesta no concílio Vaticano II, convidam os artistas a vir conhecer, lembrando as palavras de Jesus “*Vinde e vereis*” (Jo 1, 38 - 39).

Juan Plazaola apresenta os prós e os contras acerca do artista homem crente ou não crente, centrando a questão naquilo que um e um e outro são capazes de produzir. Que produzem eles que possa ser digna da liturgia, de ser arte sagrada. Este autor apresenta as várias perspectivas. O artista, homem de fé, como no-lo apresenta William Congdon⁹⁰. Este autor acredita que só um homem de fé madura e autêntica é capaz de produzir arte que possa ser chamada de arte Sagrada. Antoni Tapies fala-nos do artista como um homem que deve ser capaz de se situar na produção artística ao mais alto nível, por isso, deve ser capaz de produzir arte para a Igreja, tal como no passado, e que essa arte deve ser digna de Deus. Um artista ao melhor nível deve ser capaz de o fazer, mesmo que não tenha uma crença religiosa, pois face á busca interior que ele faz, ele torna-se capaz de escutar o transcendente, a voz do Espírito, mesmo sem o saber. “*Pretender destruir a dimensão sagrada da arte seria o mesmo que acabar com a arte, com algo que é essencial á arte e a toda a sociedade*”⁹¹. Para Tapies, para produzir arte ao mais alto nível, o artista deve certamente experimentar níveis de consciência superiores de

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, p. 38 – 39

⁹⁰ PLAZAOLA; Juan – *Historia y sentido del Arte Cristiano* - BAC Maior 50; Madrid; 1996; p. 1028 - 1029

⁹¹ *Ibidem*, p. 1030

inspiração. Procuram Algo de transcendente, de verdadeiro, puro e belo. Na verdade muitos artistas sem o saber, derivado á sua busca artística, aproximam-se cada vez mais de Deus.

8 - Artista e convicção religiosa

Esta questão é complicada, leva-nos para o domínio do individual, cada homem e cada artista são únicos. A relação que os artistas possuem com o divino nem sempre é manifesta nas suas obras. Esta questão interessa pela necessidade que a Igreja tem de evangelizar pela imagem, a arte deve ser um instrumento usado para a evangelização e para a Sagrada liturgia, conforme nos é pedido pela Igreja através do Concilio Vaticano II, e pelo interesse que os Sumos – Pontífices tem manifestado e indicado para a Igreja.

No essencial o artista que se dispõe a criar para a Igreja deve ser um homem de fé. Mas será que mesmo aquele que se diz ateu ou agnóstico não será ele capaz de criar arte para a Igreja?

Escutemos o que diz Juan Plazaola na sua obra “*Arte Sacra Actual*”⁹² a respeito da temática “o artista homem de Fé?”. Este autor fala-nos de duas teses, numa o artista quer seja cristão praticante, ateu ou agnóstico é capaz de produzir arte sacra e até litúrgica. Porque a sua capacidade artística é una com a alma humana e desta união brota a obra de arte. Assim quer ele queira quer não queira quer se diga crente ou não, ele é capaz de produzir esta arte porque escuta com os sentidos externos, sensoriais, mas também com os internos os sentidos da alma. As suas produções artísticas são a prova dessa sua capacidade, mesmo que ele não acredite ou se considere agnóstico. Na outra tese é defendido que o artista deve ser um homem de fé, possuidor de um dom que põe ao serviço da Igreja.

⁹² PLAZAOLA; Juan – *Arte Sacra actual* - BAC Maior 82; Madrid; 2006

J. Plazaola mostra-nos as duas teses que têm por base um estudo do francês P. Régamey⁹³, e que aqui vou apresentar sinteticamente a partir da obra de J. Plazaola. Assim, em primeiro lugar vamos ver a tese que nos fala do artista não crente, agnóstico ou até ateu em que defendem que ele não está apto para criar arte Sacra:

- a) Dizem então, que o simples facto de não acreditar o torna inapto para criar arte sagrada ou litúrgica. Pois a fé é necessária para fazer brotar do seu interior algo de puro ou transcendente⁹⁴.
- b) Sem a fé e a esperança cristã poderão estes artistas expressar-se em conformidade com a visão dos crentes? Naquilo que os crentes acreditam ser o pecado e face ao mal. Sem uma sensibilidade cristã podem expressar a visão salvífica que o sofrimento contém? Podem expressar a sua visão acerca do sofrimento mas entenderão o ponto de vista da fé, assim como a visão cristã do sofrimento libertador? São questões levantadas que condicionam a muitos na escolha dos artistas⁹⁵.
- c) Sem fé o tema religioso tratado pelo artista pode acabar por ser um simples exercício artístico. A fé não sendo da ordem natural, não pode ser substituída por nenhuma explicação ou somente a boa vontade não são capazes de a substituir⁹⁶.
- d) Relembrem que a fé é o princípio de comunhão dos crentes e que chamar um não crente para criar arte cristã pode simplesmente estar a cair-se no âmbito do sentimentalismo, ou a realizar algo de incomunicável para a comunidade cristã.⁹⁷

Resumidamente, estes são alguns dos pontos usados por aqueles que defendem que os artistas que trabalham com a Igreja devem ser homens de Fé, e defendem que só estes

⁹³ *Ibidem.* p. 36 - 42

⁹⁴ *Ibidem.* p. 37

⁹⁵ *Ibidem.* p. 37

⁹⁶ *Ibidem.* p. 37

⁹⁷ *Ibidem.* p. 37 - 38

artistas enquanto homens de fé são capazes de conceber obras de arte cristãs dignas de serem usadas liturgicamente.

Por outro lado, temos a posição daqueles que defendem que todos os homens são capazes de tocar o transcendente somente pela sua genialidade, mesmo aqueles que se dizem ateus, não crentes ou os agnósticos. Vamos agora ver o ponto de vista desta segunda tese:

- a) O artista mesmo sendo crente pode cair no mesmo erro do mero sentimentalismo, e de facto isso ocorre muitas das vezes. Pode também este artista crente expressar-se num formalismo normativo, em vez de mostrar uma fé vivida e viva⁹⁸.
- b) Argumentam ainda que muitas vezes se observam nestes artistas ditos agnósticos atitudes e reacções de ordem cristã, muitos deles com exigências espirituais que nos deixam a nós com vergonha por os pormos de lado⁹⁹.
- c) Dizem ainda aqueles que seguem esta tese que o artista mesmo sendo não crente pela força da sua genialidade, técnica e empenho pode atingir a meta a que se propõe. A força da sua criação vem ao de cima e somos obrigados a fazer a experiencia da fé pelas mãos de um não crente. Temos o exemplo de H. Matisse, que dizendo-se não crente trabalhou para a Igreja, a capela da Rosário em Vence, na qual ele trabalhou no fim da sua vida é um exemplo da genialidade criadora do homem. Mesmo não acreditando, ele pela sua genialidade e entrega á arte é a criação. Foi capaz de criar algo capaz de ser usado liturgicamente¹⁰⁰.
- d) Deve-se conceder ao artista como tal e á sua inspiração uma espécie de carácter sacro, pois a sua arte aproxima, vai ao encontro da verdadeira Beleza. Diz Wassily

⁹⁸ *Ibidem.* p. 38

⁹⁹ *Ibidem.* p. 38

¹⁰⁰ Cf. NÉRET, Gilles – *Henry Matisse* - Taschen, Koln, 2004 -“A propósito da capela, Matisse, interrogado respondeu: *Se creio em Deus? Sim quando trabalho. Quando me sujeito e sou modesto. (...) A minha única religião é a do amor da obra a cria. Fiz esta capela apenas com o sentimento de me exprimir na totalidade da forma e da cor.*”. p. 226

Kandinsky que o artista autêntico, aquele que escuta com os sentidos da sua alma, é uma espécie de sacerdote, o sacerdote da beleza¹⁰¹.

Juan Plazaola, depois de mostrar os argumentos das duas teses procura chegar a um equilíbrio entre os dois pontos que são extremos. Segundo ele ambas as perspectivas possuem um fundo de verdade, mas pecam pela sua parcialidade e pela ambiguidade. É então necessário chegar a um equilíbrio entre estas duas posições radicais e extremas. Para Plazaola, existem artistas crentes bons e capazes mas a sua arte pode ficar aquém daquilo que a sagrada liturgia necessita, ou porque lhes falta o génio ou profundidade de fé, ou então sentem a necessidade de seguir as normas da sua fé leva-o a não aprofundar os sentidos da sua alma, ficando-se por uma arte medíocre, sentimental, sem profundidade e sem serventia para a liturgia. Por outro lado, temos artistas não crentes que são capazes de ver profundamente, usam o sentido espiritual, e sem o saber falam do Divino na sua Arte. Muitos dos que se declaram não crentes ou agnósticos receberam uma formação cristã e absorveram a doutrina cristã, a sua simbologia. Tudo isso está presente no seu interior e torna-o capaz de produzir arte sagrada e litúrgica¹⁰².

Actualmente no mundo da arte vigora um certo agnosticismo, e ateísmo. Que vê a religião como algo do passado. Eles bebem da água que lhes deram, uma sociedade onde Deus passou para as periferias. Alguns desses artistas beberam da educação cristã, outros nunca e se calhar nem o baptismo receberam. Mas saber que o Semeador lança a semente em todo o lado. Os corações de muitos deles buscam um sentido mais profundo, travam no seu interior uma batalha. Possuem uma conduta moral muito boa e caminham já com a semente a crescer dentro de si. Porque a arte tem estas coisas, de sem querer, ela empurra o homem em direcção ao Divino, porque o Artista corre atrás do amor, da Esperança, da Beleza, da Verdade, da Pureza. Correm em direcção a Deus sem o saberem, e um dia compreendem que de facto são cristão, muitos sempre o foram. A sua arte fala grita uma

¹⁰¹ Cf. KANDINSKY, Wassily – *Do Espiritual da Arte* - D. Quixote, Alfragide, 2010. p. 116

¹⁰² cf. PLAZAOLA; Juan – *Arte Sacra actual* - BAC Maior 82; Madrid; 2006. p. 39

nostalgia pelo Divino. Assim, quem assegura que no coração desses homens a fé não está já a abrir caminho?¹⁰³

Cabe á Igreja fazer a ponte, o convite, e não fechar-lhes a porta. O facto de não serem Crentes, de se declararem ateus ou agnósticos não invalida a sua arte e sua capacidade artística, e também não invalida a possibilidade de no seu coração poder estar a germinar a semente da Fé. A acção de Deus no mundo é misteriosa, e a Graça Divina que fecunda os corações, e o Espírito sopra onde quer. Plazaola recorda as palavras de S. Agostinho:

*“Há muitos que já não são dos nossos e crêem estar dentro, e muitos outros que são dos nossos e crêem estar fora. Só Deus conhece os seus”*¹⁰⁴.

A questão deve ser posta do seguinte modo, não se ele é crente ou não, mas se ele de forma artística é apto ou não para tal tarefa. O verdadeiro artista é aquele que procura dentro de si uma grandeza maior, Aquilo que o transcende no ser e lhe eleva o espírito humano em direção ao Criador. Muitos artistas agnósticos tem essa capacidade de escutar com a alma, perscrutar com os seus sentidos interiores, e eles tornam real essa sua visão na realização das suas obras. Por outro lado artistas alguns artistas, cristãos devotos, sentem dificuldade em criar assim, e a sua arte é insignificante desse ponto de vista, falta-lhes a genialidade e a sua arte não deve ser usada na sagrada e Liturgia.

De facto a questão de se ser crente ou não crente pode rebelar-se insignificante, ou melhor, antes deve emergir a capacidade de o artista ser ou não capaz de recriar nas suas obras aquilo que o espírito humano perscruta no seu interior. Assim, deve-se evitar posições extremas, e deve-se sim avaliar a obra do artista em concreto, ela (a obra) irá revelar a sua capacidade de ser ponte, símbolo autêntico, capaz de cumprir o fim com que foi criada, o de ajudar á comunhão – servir o culto Divino - e por isso, conforme a sua capacidade, de ser ou não chamada arte litúrgica¹⁰⁵.

¹⁰³ *Ibidem.* p. 39

¹⁰⁴ *Ibidem.* p. 39

¹⁰⁵ *Ibidem.* p. 40

O Concílio Vaticano II na constituição “*Sacrosanctum Concilium*”, os Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI apoiados na forte tradição da Igreja, convidam os artistas a conhecer a Fé de Jesus Cristo. Pedindo-lhes abertamente para colocarem os seus dons ao serviço da Igreja. Lançam o desafio para fora da Igreja, para todos os homens de boa vontade, e claro também para aqueles que estão dentro da Igreja. A Igreja vai assim ao encontro daqueles que são os mais capazes para o trabalho, trabalho de criar Arte que seja digna, merecedora de embelezar os locais de culto, uma arte que seja autenticamente sagrada e litúrgica. Uma Arte plástica que conduz para o divino, á semelhança de outras como a música e o canto, que ela brote da profundidade da alma humana onde o humano e o Divino se relacionam e comunicam. A arte deve ser para a Igreja sem dúvida alguma um auxílio imprescindível para o culto divino, para a oração, para a evangelização. Plazaola mais uma vez recorda-nos que a Igreja deve ser aglutinadora, e relembra-nos disso com as palavras de Santo Agostinho: “*Aqueles dos nossos que estão fora, quando se lhes oferece ocasião, voltam*”¹⁰⁶.

9 - Liturgia de hoje e arte Sacra

Neste momento parece oportuno introduzir aprofundar a questão da liturgia e arte sacra actual, debruçemo-nos então sobre alguns autores que tratam esta questão actualmente, mas também ao longo século XX.

Segundo Joseph Ratzinger a problemática, ou crise da arte sacra, e da arte em geral, reside no subjectivismo actual. A Igreja apoiando-se nas resoluções tomadas pelo Concílio Vaticano II, apoia as artes e dá força a uma produção artística. A arte pode e deve ser uma forma de evangelizar, para além de servir a sagrada liturgia de uma forma sublime e única. Assim, para além do culto, a arte possui uma função didáctica e evangelizadora. Ela deve então invadir os vastos campos da cultura actual para cumprir o seu objectivo plenamente. A Crise actual, o chamado subjectivismo, coloca Deus fora do âmbito humano, e a religião como sendo algo do passado que já não tem lugar no mundo

¹⁰⁶ *Ibidem.* p. 41

de hoje e lançada para as periferias, deixa de ser o centro. Muitos artistas deixaram de parte suas crenças. O transcendente já não é o tema mais tratado pelos artistas contemporâneos, o subjectivismo domina, o artista quer ser protagonista ele mesmo. Embora cheios de talento correm o risco de por de lado aquilo lhes permite ser grandes de facto que é o escutar a sua alma. Eles viram-se para si para se escutarem somente a si mesmo; ou então às necessidades económicas, do lucro, eróticas, a drogas que lhes provocam estados de consciência alterados. É aquilo que o mundo lhes impõe e lhes tolda o espírito. Diz-nos J. Ratzinger o seguinte a esse respeito:

*“A crise da arte reflecte, por sua vez, a crise da existência humana que, precisamente em tempos de extremo aumento de domínio mundial ao nível do material, atingiu um estado de cegueira que se quase pode ser designado como cegueira do espírito.”*¹⁰⁷.

A arte passou para o domínio da experimentação, para um campo quase semelhante ao das ciências onde só o real e o que pode ser comprovado segundo um método se pode inserir no mundo como real. Trata-se de uma visão opaca e sem cor, quase castradora para estes criadores. *“O Positivismo, formulado em nome da seriedade científica, restringe o horizonte ao justificado”*¹⁰⁸. A arte, embora criativa e cheia de forma e de técnica, variedade, torna-se fútil, quase inútil, pois está quase desprovida de uma fonte criativa pura, a fé e a busca do transcendente. Falta o deixar que o “Espírito Criador” actue. A alma não vê e o artista não deixa fluir a beleza que transcende, que o conduziria de forma pura á visão divina. A Igreja do Vaticano II afirma nos documentos conciliares que os artistas devem ser homens e mulheres de fé, que a sua arte deve testemunhar essa mesma fé, esta arte deve ser uma visão terrena do que é puro e transcendente.

O “mundo Católico” deve marcar com a sua presença o mundo das artes, com propostas á altura das exigências culturais, mas também que entrem em diálogo com o mundo da cultura. A arte Sacra produzida deve estar á altura deste diálogo com o mundo das artes.

¹⁰⁷ RATZINGER, Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI. Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010. p. 128 - 129

¹⁰⁸ *Ibidem*. p. 129

A Igreja deve incentivar os artistas a aprofundar a sua fé, provocando neles respostas autênticas. Ao mesmo tempo deve manter a liberdade criativa do artista, mas também dar-lhes ferramentas, formação, criar academias e escolas de artes. Se na música esta questão tem vindo a ter resposta, no âmbito das artes plásticas não se nota esta presença da Igreja ao mesmo nível.

Capítulo III

A palavra dos artistas á Igreja

Neste 3º Capítulo vamos analisar o ponto de vista dos artistas plásticos e de alguns pensadores que tratam a questão da arte, nomeadamente Umberto Eco, Lev Tolstói, W. Kandinsky e outros. Alguns dos artistas declaram-se como homens de fé (Salvador Dalí, G. Rouault) e abordam na sua arte essa temática e a sua linguagem verbal e a sua obra são claras a esse respeito. Mas interessa dizer que outros usam uma linguagem esquiva e até equívoca, mas nota-se na sua obra que no seu interior existe uma busca e um questionamento que os leva para o campo da teologia e da busca de Deus. No entanto nunca o dizem abertamente nos seus escritos. Pretendo com eles fazer a ponte, a aproximação humana. O Concílio Vaticano II e os Papas que se seguiram até aos dias de hoje procuraram sempre fazer esta ponte, chamar e propor aos artistas o aprofundar da sua arte. É enriquecedor para a Igreja que assim chama e congrega homens capazes, que se calhar não se aproximariam da Igreja sem um convite desta. O mundo das artes necessita abrir horizontes, o artista precisa de libertar-se do seu individualismo, crescer interiormente. Mas a Igreja deve escutar e estudar o que estes homens dizem e criam. Escutaremos então alguns destes homens das artes. Todos os que aqui neste capítulo, eu vou referir, buscam na sua Arte a pureza, a perfeição, o superior, o sublime, a beleza, a verdade. Buscam no mais íntimo do seu coração O Divino Criador, e alguns fazem-no sem o saber, e outros fazem-no com toda a intenção. A Igreja deve escutá-los, olhar a suas obras, com um olhar que deve ir bem fundo para ver a sua mensagem, aquilo que estes homens escutaram no íntimo das suas almas, onde Deus trava com eles um diálogo de amor e lhes incendeia o coração com a força criadora. As obras mostram de facto a fé, mesmo que aqueles que as fazem não o sintam ainda desta forma. Mas a sua obra é mensagem para nós. Algo está ser comunicado e a Igreja deve ser atenta a esse comunicar dos artistas. Então o que dizem os artistas á Igreja? Se estivermos atentos á sua arte,

veremos uma mensagem forte a passar, cheia de significado. Deus comunica com os homens, e os artistas são naturalmente dotados para O escutarem, e comunicarem mesmo que nem tenham consciência de que o fazem. A Igreja deve ser capaz de reconhecer nas obras destes aprendizes o toque do Mestre.

1 - O mundo das artes

A arte nos dias de hoje encontra-se bem mais distante da Igreja do que no passado, contudo a Igreja deseja a aproximação, pois de facto são duas realidades que se tocam intimamente, talvez mais do que o mundo contemporâneo pensa. Em toda a sua crítica e busca de novos modelos para a arte, a questão do transcendente perdeu o peso que no passado teve. O mundo da arte centrou-se no homem, o artista em si é a estrela, e a sua obra por vezes mais parece um monte de lixo. A arte na sua incessante busca de novas formas, perdeu em muitos casos a busca do belo, da verdade, da pureza, e do transcendente.

Neste capítulo abordamos a busca do transcendente na arte contemporânea. Escutaremos algumas críticas, análises e ensaios de autores na sua maior parte artistas, como: Salvador Dalí ou Wassily Kandinsky; mas também alguns estudiosos da história da arte, como Raymond Bayer, Arnold Hauser ou Herbert Read; e outros autores como Umberto *Eco*, Walter Benjamim, Leão Tolstói, entre outros. Cada um destes autores fala-nos um pouco em relação entre a arte e a fé, a arte e o artista (figura central), a arte e o mundo, nação, a cultura em que se insere. Assim também a arte Cristã, e sobretudo a arte litúrgica, devia ocupar um lugar firme e autêntico, porque ela existe mas está fora do mundo da crítica e da comunicação geral para as massas.

Muitos autores escrevem sobre os artistas Como Dalí ou Lempicka sem redigir uma palavra sobre a importância da religião teve nas suas vidas. No entanto a presença Divina faz-se notar, e de que maneira; nas suas obras. Então veremos que são muitos os artistas contemporâneos que abordaram esta arte, a arte do sagrado, e que ao fazê-lo mudaram a sua visão do mundo. Convém lembrar que a sua arte brota da alma humana, e que o

artista ao deixar-se tocar pelo transcendente num determinado momento da sua vida, ele vai produzir provavelmente as suas melhores obras, independentemente da forma, técnica, ou cor. A sua produção artística, a sua arte, falará por si a todos os homens.

2 - O Espírito criador e inspiração artística

O artista deve criar, isto é, a partir da sua vivência, das suas experiências de vida, e de vida na fé, em plena liberdade criativa, ele deve buscar dentro de si uma resposta, uma visão renovada, criativa, algo novo de sublime, algo nunca visto. Isto brota da inspiração do artista e da ação do Espírito nele. O artífice pode até ser dotado de qualidades de execução, mas falta-lhe a vertente criativa, a capacidade de revelar, e de renovar uma visão da arte sagrada. Visão verdadeiramente inspirada, que vai accionar a visão do homem crente que ao contemplar se deixa conduzir até ao divino. O artista do sagrado, este sim, é um criador, ele dá à luz, e dá-se a si mesmo, entrega-se, como que sente as dores de trazer à realidade dos sentidos do corpo uma realidade que só a sua alma e a sua mente ousaram descobrir.

Robert Descharnes e Gilles Néret na obra “Salvador Dalí” falam da aproximação de pintor catalão à fé Cristã na sua obra “Cristo de S. João da Cruz” e citam o Padre Bruno Froissat que diz o seguinte acerca do artista surrealista:

“Salvador Dalí queria mesmo pintar o céu, penetrar nas abóbadas celestes, para comunicar com Deus. Deus é uma ideia inconcebível para ele, impossível de concretizar. Talvez, pensa Dalí, seja Ele a substância que procuramos na física nuclear. No entanto, para ele, Deus não é cósmico: segundo me disse, isso constituiria uma limitação.”¹⁰⁹.

Outro exemplo, encontramos na obra de Marc Chagall, pintor de origem judaica, Jacob Baal-Teshuva na sua obra “Marc Chagall” fala-nos deste pintor do seguinte modo:

¹⁰⁹ DESCHARNES, Robert; NÉRET, Gilles - *Salvador Dalí 1904 – 1989* - Taschen, Köln, 2004, p. 164

*“Apesar da abundância de estímulos da metrópole parisiense, Chagall permaneceu fiel às suas origens, que se baseavam no Hassidismo com o seu gosto pelas histórias, e no panteísmo judaico com a sua crença no laço indissolúvel entre Deus e o Homem que permite ao crente operar maravilhas e realizar milagres.”*¹¹⁰.

M. Chagall foi criticado algumas vezes pela comunidade judaica, porque as suas pinturas apresentarem a cena da crucificação, Jesus crucificado surge em algumas das suas obras durante o período da opressão Nazi, e da perseguição feita ao povo judeu, um verdadeiro genocídio o “Holocausto”. Mas Chagall responde a essas críticas do seguinte modo: *“Se não fosse Judeu, disse Chagall, nunca teria sido artista”*¹¹¹. O Papa Bento XVI diz-nos que a arte pela sua capacidade de criar, pela capacidade de interrogar e de fazer inquietar, de como ela fala tão claramente do sentido da vida humana *“pode assumir um valor religioso e transformar-se num percurso de profunda reflexão interior e de espiritualidade.”*¹¹². A arte foi, é, e deverá continuar a ser inspiradora de inúmeras gerações de crentes, deverá continuar ser meio de evangelização, e até de reevangelização, interagindo com os centros de cultura e fazer-se cultura, marcar um povo, uma nação, a história humana.

Por isso, ao contemplar a arte sagrada, dotada desta beleza que vem da experiência de fé, deixamo-nos ir pela sua natureza bela, e mergulhamos nos sentidos mais profundos do nosso ser. O espírito humano sente esse desejo pelo Belo Verdadeiro, pela Beleza incriada, e deseja a nossa alma deixar-se guiar, experimentar o desejo de se elevar até à Eternidade. Esta arte é apelidada de arte sagrada pela capacidade de provocar estas experiências nos homens, ela é capaz de nos elevar, de nos tocar no nosso ser mais profundo, onde reside a alma humana e onde o homem e Deus dialogam. Mais que mero sentimento, ela é algo que nos atinge e faz desejar o Infinito Divino.

¹¹⁰ BAAL-TESHUVA, Jacob – *Marc Chagall* - Taschen, Köln, 2004, p. 7

¹¹¹ *Ibidem*, p. 7

¹¹² IGREJA CATÓLICA. Papa, 2009- (Bento XVI) - *por ocasião do encontro com os artistas na capela Sistina* - (Allocutioes, 21-11-2009). AAS. XI (2009) 1054

O artista é mais que um artífice, ele partilha com Deus, e é semelhante a Ele na capacidade de criar, porém em escalas de grandeza diferentes. Mas aqui no ato criador do artista, embora imperfeito, vislumbra-se o ato perfeito de Deus Criador. Deus vocaciona, chama e capacita os homens com os seus dons.

3 - A Arte e o transcendente

O artista é aquele que faz manifestar pela sua arte, isto é pela forma, a essência. A arte verdadeiramente digna de se chamar arte, aquela que faz com que fiquemos maravilhados, tocados de uma forma quase que transcendente. A arte vive da experiência humana, da realidade concreta das coisas humanas, não só de sentimentos, mas também. Mas acima de tudo, ela visa uma visão superior quase sagrada, os artistas ligam-se pela vida interior que tem em si mesmos ao transcendente. Mesmo aqueles artistas que dizem não ser homens religiosos sentem dentro de isso algo que eles não sabem o que é, mas que os faz criar, renovar, correr atrás da beleza, de um ideal humano superior. Assim, ela busca a unidade do mundo e do homem, e quanto mais abrangente, quanto mais forte for o sinal, mais ela demonstra a sua capacidade de ser mensageira. Mas a arte é mais do um instrumento ou um meio. A arte unifica o interior humano, a essência que tende para o infinito, com o exterior humano, a realidade limita pelo tempo e o espaço.

O artista tenta reproduzir uma imagem que engendrou, criou, buscou e experienciou dentro de si. Ao reproduzi-la essa obra perde sentido, porque o mundo é limitado, e a capacidade de reproduzir na realidade o que se vive no interior é muito difícil de se conseguir. Mas o artista consegue, é especialmente dotado para tal, esse seu dom por si já é sinal de algo. Quando alguém contempla uma obra de arte, dá-se dentro desse observador uma experiência nova, uma reconfiguração interior. Existe um desfrutar e um gozar na contemplação. A arte diz-nos Luís Maldonado *“é um fim em si mesma, e nunca um “meio de” ou um “meio para”*. *Tem um sentido mas não uma utilidade.*”¹¹³. A arte não é instrumento é sinal, ela cria no homem sede de pureza, de verdade, de beleza na sua

¹¹³ MALDONADO, Luis – *Liturgia, Arte, Beleza (Teologia y estética)* - San Pablo, Madrid, 2002, p. 12

forma mais pura, mais bela mais real. Ela é sagrada, ou como dizia Antoni Tapies, ela possui uma dimensão do sagrado em si, do transcendente. É inspirada e inspiradora.

A Arte deve encaminhar para o homem ideal, aquele homem que Deus ousou sonhar e concretizar, do qual disse que é muito bom. Deus vê a maravilha sua criatura, mas o homem é incapaz de o fazer. Mas tenta, e a arte é tentativa disso. A arte ao seu mais alto nível é capaz de apontar para isso disso. A Igreja tem uma palavra a dizer, deve querer os melhores artistas e as melhores obras. Miguel Torga escreveu na sua obra “*Diário XII*” o seguinte:

*“De repente, tudo mudou. Neste mundo vazio, plástico, veloz, onde mais nenhum gesto, nenhuma palavra, nenhum sentimento tem a grandeza do homem ideal, mas apenas a do homem trivial, a própria Igreja, que sempre referia cada criatura a Deus e à sua divina perfeição, resolveu reduzi-la à pequenez natural. Limitou a majestade litúrgica a práticas sumárias, e, em vez de induzir o crente nos mistérios da transcendência, recomenda-lhe que seja rasteiramente funcional nos caminhos imanentes de uma salvação sem glória.”*¹¹⁴.

A arte não deve seguir o normal, o descartável o superficial, mas antes deve inspirar, e fazer sentir o desejo de aspirar á grandeza real do homem novo, criatura que Deus ama e faz seu filho. A arte tem em Cristo, Verdadeiro homem e verdadeiro Deus, a imagem visível do invisível, a Beleza incriada feita criatura.

A Pintora Polaca Tamara de Lempicka, famosa no período entre as duas grandes guerras, a quem o New York Times apelidou de “*beldade de olhos de aço*”, pintou um quadro ao qual chamou de “*Madre Superiora*” em 1939. Numa visita a um convento em Itália, a pintora encontrou a Madre superiora a chorar, a pintora fugiu, mas viu-se obrigada a exprimir a sua visão na tela. De facto, essa curta experiência mudou toda a sua arte. Assim, a arte de Lempicka perdeu a firmeza e a exuberância dos homens e mulheres que pintava, foi transformada, a sua visão do mundo mudou, algo no seu coração mudou. Poderemos falar de conversão ou no mínimo uma aproximação ao Divino. Podemos

¹¹⁴ TORGA, Miguel – *Diário XII* - Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1977, p. 175

comparar duas das suas obras, por exemplo o seu auto-retrato de 1925 “*Tâmara no Bugatti verde*” que lhe valeu o título do New York Times de “*beldade de olhos de aço*”, e que podemos comparar com a obra de 1939 “*Mulher de Azul*” ou “*mulher mexicana*” de 1948¹¹⁵. Uma visão da artista que durou poucos segundos, mas que mudou a vida da pintora, a sua busca pela beleza superficial findou, e passou a notar-se uma busca vem mais profunda do ser humano, da alma humana. A pintura vanguardista de Lempicka esvai-se, transforma-se, ela pinta agora de uma forma diferente. A sua pintura de aparências perdeu o seu brilho mas ganhou uma alma¹¹⁶. A pintora teve um encontro com o transcendente que a fez mudar bem mais profundamente do que ela esperaria.

4 - O que é a arte?

- Em busca de uma definição de arte, Umberto Eco¹¹⁷, na sua obra “*A Definição da Arte*”, fala-nos do inefável e do sublime. A comunicação do interior para o exterior; da visão inspirada do artista, para a sua execução possível. Quer na literatura, quer na música, escultura ou pintura. O autor é um transmissor do inefável, ao contemplar a sua produção artística, a sua arte, sentimos o sublime. Todavia ele já não está lá, a arte é uma representação, é símbolo de uma realidade sublime. Umberto Eco nas suas análises históricas fala-nos do seguinte modo acerca do executar da obra de arte:

“o esquema, a armação surgem precisamente para explicar o inefável; no momento em que o destroem e o reduzem a uma série de artifícios que o tornam engendrável. (...) (A obra de arte é) uma estrutura narrativa e um tipo de resposta imotivo-intelectual: eis as duas realidades a que a análise nos conduz. O que «estava no meio» - a obra como mistério inefável – desapareceu: mas ao desaparecer, disse-nos o que é a obra de arte e o sentimento que gera.”¹¹⁸.

¹¹⁵ NÉRET, Gilles – *Lempicka* - Editora: Taschen, Lisboa, 2004, p. 69

¹¹⁶ TOMAZ, Eugénia – *Arte Eterna, uma perspectiva transhistórica* - Editora Rei dos Livros, Lisboa, 2006, p.176 – 179

¹¹⁷ ECO; Umberto – *A definição de Arte* - Edições 70; Lisboa, 1972. p. 161 – 163

¹¹⁸ *Ibidem*; p. 169

A arte e a “morte da arte”. A obra de arte em si é sinal e símbolo de uma realidade infinitamente maior. Ela em si não é um fim. Ao contemplarmos a obra de arte, sentimos e vemos no nosso interior uma realidade inefável, que transcende a realidade, a obra é o impulso que nos leva lá, ela é o veículo que depois nós abandonamos, e a obra morre, porque já nos levou ao seu fim. A arte contemporânea fala da morte da arte neste sentido, como uma chama que se acende e apaga. Sinal que transmite uma mensagem que enche de significado. Mas que em si morre é um mero objecto, uma sombra de uma realidade maior.

Gilles Lipovetsky na sua obra “*A Era do Vazio*” fala-nos da cultura da modernidade. Neste seu ensaio, Lipovetsky diz-nos que a arte da modernidade “*é uma espécie de auto-destruição criadora*”¹¹⁹. Avançando no tempo, fala-nos da crise da pós-modernidade como sendo o girar no vazio das vanguardas modernistas. Os artistas mais não fazem do que repetir e plagiar as formas vanguardistas da modernidade. Este autor fala-nos de uma fase de declínio da modernidade, isto é, da pós-modernidade e afirma:

*“Daí a contradição de uma cultura cujo fito é gerar sem interrupção o absolutamente outro e que, no termo do seu processo, produz o idêntico, o estereotipo, uma repetição tristonha.”*¹²⁰.

Leão Tolstói na sua obra “O que é a arte?” dá uma achega importante. Segundo o autor a arte e a ciência seguem caminhos errados devido ao abandono da religião. Mais cedo ou mais tarde terão de arrepiar caminho¹²¹. Quer na ciência quer na arte o homem para cumprir os seus propósitos ao mais alto nível deve agir como um todo. Tolstói define o processo criativo desta forma:

¹¹⁹ LIPOVTSKY, Gilles – *A Era do Vazio* - Relógio d'água, Lisboa, 1989, p. 77

¹²⁰ *Ibidem*, p. 78

¹²¹ Cf. TOLSTÓI, Lev – *O Que é a Arte?* - Gradiva, Lisboa, 2013. p. 242 – 243

“Evocar em nós mesmos uma sensação experimentada e, tendo-a evocado em nós, por meio de linhas, cores, sons, ou formas expressas em palavras, transmitir de maneira que outros a experimentem – é esta a actividade da arte.”¹²².

Leão Tolstói passou 15 anos da sua vida debruçado sobre esta questão, “*qual o papel da arte na vida do homem?*”. Após várias tentativas de escrever uma obra sobre esta questão, conseguiu dar-nos a obra “*O que é a Arte*”. Nesta sua obra, o autor revela o quanto é importante, segundo a sua visão, a arte para toda a humanidade. Diz-nos o seguinte nas suas conclusões:

“A tarefa da arte é colossal: com a ajuda da ciência e guiada pela religião, deve actuar de tal forma que a convivência pacífica das pessoas, que agora é mantida por meios externos – tribunais, policia, instituições filantrópicas, inspecções de trabalho e outras do género -, possa ser alcançada pela livre e feliz actividade das pessoas. A Arte deve suprimir a violência. (...) O objectivo da arte cristã é a concretização da união fraternal das pessoas.”¹²³.

Tolstói dá uma ajuda para nos ajudar a definir a arte, ele diz-nos que ela faz parte de nós, é uma condição da vida humana, e é meio de comunhão para a humanidade, não é uma mera busca de prazer quer para os sentidos quer para o intelecto.

A modernidade rompe com o passado e afirma o “eu” do artista, é este que passa a dominar, ele não pinta para servir e viver, mas vive para criar, liberta-se. Artistas ou antes artífices existem muitos, mas artistas inovadores e criadores são poucos. Todos os outros são imitadores e por isso não criadores mas executores. Para se falar de arte sacra na modernidade, temos de falar destes poucos artistas, inovadores e verdadeiramente criadores. Que são capazes de sair da mediocridade e até do bom, para atingirem o sublime, o transcendente. Estes artistas independentemente da sua crença ou descrença são tocados pela inspiração divina e isso é manifestado na sua obra. Quer eles queiram quer não queiram.

¹²² *Ibidem*, p. 251

¹²³ *Ibidem*, p. 252

O transcendente está presente na arte, na obra dos grandes artistas da modernidade, e da contemporaneidade. A crítica, os ensaios, toda uma literatura que gira á volta da arte em grande parte dos casos não menciona a vertente cristã presente na mesma obra. Podemos falar de Salvador Dalí que pintou obras de grande importância neste ponto de vista. Por exemplo “*A Tentação de Santo António*” de 1946. Ele fez questão de se manifestar como crente na produção de muitas das suas grandes obras. Ele escreveu o “*Manifesto Místico*” em 1951 em Paris, e nele expõe a sua necessidade de produzir uma Arte do Sagrado. A arte de Dalí sintetiza o classicismo e percorre a história da arte, passando inevitavelmente pelo surrealismo. Ele pretende primeiro dominar as técnicas para depois as por ao serviço do seu génio. Existe muito do seu ego na arte que produz, porque ela é isso mesmo, é sua, é a sua visão. Por outro lado ele pretende deixar-se tocar pelo transcendente, e este deixar-se tocar faz parte do seu novo método. Vamos ver alguns pensamentos acerca deste seu novo modo de fazer arte, de criar.

Salvador Dalí vai cortar com o surrealismo, e com o Dalí da psicanálise transformando-o no Dali da física nuclear que é também o “místico”. Diz ele no seu “*manifesto místico*” que as “*coisas mais subversivas que podem acontecer a um ex-surrealista são duas: a primeira é tornar-se um místico e a segunda é saber desenhar.*”. E diz-nos ainda o seguinte no seu “*Manifesto Místico*”:

*“Quero ver e compreender a força e as leis escondidas nas coisas, para as dominar. Tenho a intuição genial de que disponho de uma arma extraordinária, que me permite penetrar no coração da realidade: o misticismo, isto é, a intuição profunda do que é a comunicação imediata com o todo, a visão absoluta através da graça da verdade, através da graça divina.”*¹²⁴.

Para Salvador Dali as técnicas e os meios de expressão pictóricos já tinham tido o seu apogeu, aos artistas cabe o trabalho de as dominar e aplicar. E evoca para si o misticismo como parte do seu método, e diz-nos o seguinte:

¹²⁴ DESCHARNES, Robert - NÉRET, Gilles - *Salvador Dalí 1904 – 1989* – Taschen; Koln, 2004. p. 157

“Venha a mim Santa Teresa d`Avila!” (...) Foi neste estado de intenso profetismo que compreendi que os meios de expressão pictóricos foram inventados definitivamente e com a máxima perfeição e eficácia no renascimento, e compreendi também que a decadência da pintura moderna resulta do cepticismo e da falta de Fé, consequência do materialismo atomista. Eu, Dali, reactualizando o misticismo espanhol, vou provocar com a minha obra a unidade do universo, ao mostrar a espiritualidade de toda a substancia.”¹²⁵.

Um ponto de vista para a arte sacra moderna é apontado por Dalí, ele dá-nos pistas a seguir, e passa da teoria á pratica, o seu ego mistura a fé, a psicanálise, o misticismo e o domínio da técnica para criar nova arte; uma arte que se pode dizer sagrada, sacra e litúrgica, pois é símbolo que conduz para adiante, ela liga e faz ponte com o transcendente. Dalí aprofunda a sua fé até ao final da sua vida, e ao mesmo tempo busca o conhecimento científico. A fé e a razão elevaram este génio, talvez bem mais longe do que escreveram na crítica que lhe fizeram no seu tempo. O seu pensamento vai ao encontro dos documentos do concilio. Ele abandona o cepticismo e abre o seu mundo á fé esperança e amor, a sua obra adquire um novo brilho e beleza que poucos são capazes de atingir. Ele traduz a necessidade tão humana de buscar a Deus.

Walter Hess, na sua obra *“Documentos para a compreensão da pintura moderna”*¹²⁶, cita o pintor francês Georges Rouault, este pintor fala-nos da sua experiência de homem de fé, diz que a verdadeira arte é indicadora de fé, e diz-nos o seguinte:

“Continuarei a trabalhar, não para chegar a algo de perfeito, que os tolos admirem, mas para produzir algo de mais verdadeiro e mais sábio, para conseguir chegar ao fim do inacabável. Aquilo que me faz dar um tão grande

¹²⁵ *Ibidem*, p.158

¹²⁶ HESS, Walter. - *Documentos para a compreensão da pintura moderna* - Colecção Vida e Cultura, Edição Livros da Brasil; Lisboa, 2001

valor á arte, é o facto de, numa verdadeira obra de arte, existir uma fé ardente”¹²⁷.

Para G. Rouault a busca e o aprofundar da fé é feita em paralelo com a arte que produz. Este artista procura a verdade da sua fé, da sua ligação com o transcendente. A obra de arte é tão verdadeira quanto ele é capaz de aprofundar a sua relação com Deus. A obra de arte é um reflexo da vivência interior da fé. Ao manifestar a sua fé ardente pela sua arte ele dá um testemunho de vida cristã através da beleza; ele lembra-nos as palavras de Tolstoi de que a arte cristã salvará o mundo; isto é, ela inspira os homens pelo testemunho da sua beleza, pureza e verdade, ela encaminha ao questionamento e á conversão. Assim pelo seu testemunho visual percebemos o testemunho espiritual e a sua profundidade de experiência de Deus.

A beleza que retrata o inefável, aquele momento fugidio que o artista com toda a sua arte, com toda a sua técnica, com toda a sua paixão tenta reproduzir de forma sensível, isto é a arte. Ela é a busca de Deus, ou noutras palavras, a busca da Verdade, da Beleza, da Glória, do Puro, do Uno, do inteiramente Outro. A esta busca da Beleza fala-nos o falecido cardeal de Milão Carlo Maria Martini, na sua carta pastoral “*Que beleza salvará o mundo?*” (1999), diz ele o seguinte acerca da “Beleza”:

*“Não se trata, portanto, de uma propriedade apenas formal e exterior, mas daquele momento do ser a que aludem termos tais como glória (palavra bíblica que melhor traduz a «beleza» de Deus, enquanto nos é manifestada), esplendor, fascínio: é isso que suscita atracção jubilosa, agradável surpresa, dedicação ardente, enamoramento, entusiasmo;”*¹²⁸.

São muitos os artistas que fazem este diálogo com o divino, procuram no seu interior o contacto com o transcendente, até agora deparamo-nos com o testemunho e exemplo de Tamara de Lempicka, de Rouault, de Salvador Dalí. Agora escutemos o testemunho de

¹²⁷ *Ibidem*, p. 83

¹²⁸ MARTINI, Carlo Maria – *Que beleza salvará o mundo?*- Paulinas, Lisboa, 1999, p. 11 – 12

um homem de fé, diferente da fé Cristã, mas próxima, um Judeu *Marc Chagall* que pintou a famosa e polémica “*crucificação branca*”.

Marc Chagall (1887 – 1985) preferia a companhia dos poetas á dos pintores, o seu estilo é muito próprio e difícil de ser classificado. Judeu, homem de fé e muito ligado às suas raízes judaicas e russas. Os seus temas predilectos são o folclore russo e a tradição judaica, a tora. A sua arte mostra-nos também a perseguição do povo judeu feita pelo regime Nazi. Em 1938 pinta a crucificação branca que Chagall explica como sendo o símbolo para a perseguição e martírio do povo hebreu¹²⁹. Chagall fez vários trabalhos para a Igreja Católica, sempre de forma indirecta, um dos mais famosos são os vitrais da catedral de Metz, encomendados pelo governo francês e dos quais ele recusou receber qualquer pagamento¹³⁰. Chagall tratou os temas bíblicos com toda a sua fé, quer trabalhe para o governo, quer para a Igreja sempre de forma indirecta, ou para os clientes judeus. A sua arte pode ser chamada de arte litúrgica, porque brota de um coração apaixonado por Deus e pela humanidade. Ninguém fica indiferente á arte de Chagall, ela toca pela cor, formas simples, e pela mensagem Divina que é lida na história dos homens.

Um outro artista do qual não podemos passar ao lado é Ernst Ludwig Kirchner. Diz ele acerca da sua pintura:

*“Os meus quadros são alegorias, e não cópias. As formas e as cores não são belas em si. Belas são as que foram produzidas por uma vontade espiritual. Há algo de misterioso por detrás dos homens e das coisas, das cores e das molduras, que liga novamente tudo com a vida e com o concreto.”*¹³¹.

Vários artistas falam sem se aperceberem, ou sem o dizer directamente, falam de Deus e da experiência que fazem do transcendente, que brota do seu acto criativo da sua inspiração. Usam uma linguagem onde retratam a experiência pessoal, do seu “eu”

¹²⁹ BAAL-TESHUVA, Jacob, - *Marc Chagall* - Taschen, Köln, 2004, p.139

¹³⁰ *Ibidem*. p. 244

¹³¹ HESS, Walter. - *Documentos para a compreensão da pintura moderna* - Colecção Vida e Cultura, Edição Livros da Brasil; Lisboa, 2001. p.89

interior com o infinito, com a verdade das coisas, com o verdadeiramente Belo, o sublime. Sem nunca colocarem o nome falam Dele, e mais, exprimem-no nas suas obras, trazem a sua experiência de Deus do seu mundo interior para o exterior na medida em que a sua técnica e capacidade lho permite. Escutemos o que nos diz pintor *Franz Marc*:

*“É inacreditável quão pouco os homens de hoje aprendem dos museus... quando podiam aprender neles tudo, inclusivamente isto: que não há arte grandiosa e pura sem religião, que a arte foi sempre tanto mais artística, quanto mais religiosa.”*¹³².

Franz Marc pintava somente animais que ele considera serem mais puros que os homens, para ele os homens são “feios”. Para ele a pintura vinha do mais profundo do ser humano, da sua alma onde Deus e o homem travam um diálogo, no mais profundo do seu ser. Assim ele pintava “os animais puros e o ser indivisível”. Diz-nos F. Marc que:

*“A aspiração ao ser indivisível, o desejo de libertar a nossa vida efémera da ilusão dos sentidos é a tendência de toda a arte... mostrar o ser não terreno que está por detrás de tudo, quebrar o espelho da vida para podermos olhar esse ser. – As obras serão sempre imperfeitas, enquanto continuarmos nesta existência ligada á terra.”*¹³³.

Paul Klee também aprofundou o seu pensamento, e também não usa nenhum termo teológico nem fala directamente de Deus, mas diz-nos o seguinte acerca do processo criativo:

“O artista não atribui às formas aparentes da natureza o significado obrigatório que lhe atribuem muitos realistas que fazem crítica. Ele não se sente tão ligado a essa realidade, porque não vê nessas formas acabadas [da Natureza] a essência do processo da criação; porque ele se interessa mais pelas forças criadoras do que pelas formas acabadas... Quanto mais profundamente ele olha, tanto mais se

¹³² *Ibidem*, p.154

¹³³ *Ibidem*, p.151

lhe impõe, em vez de uma imagem acabada da Natureza, a imagem essencial da própria criação como génese...”¹³⁴.

Para Paul Klee o artista está especialmente dotado para se deixar levar pela inspiração criadora, ele é tocado pela origem de tudo, do que falará Klee? Certamente que fala de Deus. Do Deus que se revela nos artistas. Assim no seu coração nascem as imagens, e os inspira a procurar e tentar expressá-las na realidade através da sua arte. O artista deve levar muito a sério o que vê, pois a ele é confiada a missão de tornar real no mundo, aquilo que a alma, que os seus sentidos interiores vêm e sentem e ele deseja concretizar na realidade. Klee afirma ainda o seguinte acerca desta necessidade e quase obrigação que o artista tem, o de criar na realidade o que o coração e alma vêm:

*“Quem, sendo artista, não gostaria de habitar aí onde o órgão central de toda a mobilidade tempo-espacial, seja ele o cérebro ou o coração da criação, dá origem a todas as funções? Aí no seio da Natureza, na origem da criação, onde está guardada a chave secreta de tudo?... O nosso coração arrasta-nos palpitante para lá, para as profundezas das origens. É preciso levar muito a sério aquilo que cresce desse impulso, quando se relaciona com os meios plásticos inteiramente adequados à criação artística. Que estes fenómenos estranhos se transformem então em realidades, em realidades da arte, que tornem a vida um pouco mais ampla do que ela geralmente nos parece. Porque eles não só traduzem o que se vê de um modo mais ou menos temperamental, como tornam visível o que se olha em segredo.”*¹³⁵.

Wassily Kandinsky (1866 – 1944) pintor de nacionalidade russa, para além da sua obra de pintura, deixa-nos também o seu livro *“Do Espiritual da Arte”*¹³⁶. Nesta obra W. Kandinsky aborda uma questão fundamental, de onde vem a arte? Ele responde: da alma do artista. Este autor fala-nos do seguinte modo acerca da criação artística: *“Associada ao desenho, criará o grande contraponto pictórico que lhe permitirá a composição, e, como*

¹³⁴ *Ibidem*, p.159

¹³⁵ *Ibidem*, p. 160

¹³⁶ KANDINSKY, Wassily – *Do Espiritual da Arte* - D. Quixote, Alfragide, 2010

*Arte verdadeiramente pura, colocar-se-á ao serviço do divino.*¹³⁷. Nesta jornada da criação artística o pintor faz uma ascese, um caminho interior. O artista deve ter um guia, um princípio, a que ele chama de “*o princípio da necessidade interior*”. O pintor que Kandinsky aqui nos fala é um ser criado e criador, feito á imagem de Alguém. Ele não fala de Deus directamente, não escreve com base na teologia cristã, mas os seus escritos poderão deixar ver uma crescente crença no Divino? O autor diz-nos que este seu princípio interior é constituído por três necessidades místicas: A primeira é que cada artista, enquanto ser criador, deve exprimir o que lhe é próprio, é o elemento da personalidade. A segunda diz que cada artista está inserido numa época e que deve exprimir o que é próprio da sua época, a sua cultura, povo ou nação. Por fim, diz que o artista é servidor da arte, e por isso deve exprimir aquilo que é próprio da arte. Isto é:

*“O elemento puro e eterno que se encontra em todos os seres humanos, em todos os povos de todos os tempos, que aparece na obra de todos os artistas, de todas as nações e de todas as épocas, e que não obedece, enquanto elemento essencial da arte, a qualquer lei temporal ou espacial.”*¹³⁸.

Mais, diz ele que apenas o “*elemento artístico puro e eterno manterá valor*”¹³⁹, independentemente da sua época ou estilo ou técnica, estes elementos captados pela alma humana são o elo a ligação entre o Homem, a criatura criadora, e Divino Criador. Kandinsky resume este seu pensamento do seguinte modo: “*o efeito da necessidade interior, e portanto o desenvolvimento da arte, é uma exteriorização progressiva do eterno-objectivo no temporal-subjectivo.*”¹⁴⁰. Para Kandinsky o artista treina para além da sua técnica, do uso das cores e das formas, ele deve educar não só os olhos mas sobretudo a sua alma, pois é esse o sentido que vai permitir criar a Arte. Diz ele que “*construir numa base puramente espiritual é um trabalho de longa duração*”¹⁴¹, porque do mesmo modo que desenvolve as suas técnicas e aptidões artísticas com que vai executar as suas

¹³⁷ *Ibidem.* p.73

¹³⁸ *Ibidem.* p.73

¹³⁹ *Ibidem.* p.74

¹⁴⁰ *Ibidem.*p. 75

¹⁴¹ *Ibidem.*p. 99

obras ele deve também desenvolver os sentidos da alma. Para Kandinsky a verdadeira arte nasce da relação interior do homem com o espiritual. A arte assim criada é “*criação misteriosa, enigmática e mística.*”¹⁴². Depois de criada a obra de Arte, a verdadeira e boa obra de arte, ganha vida própria cheia de significado dotada de uma linguagem intemporal que liga os homens que a contemplam não os deixando indiferentes. A alma dos homens não fica indiferente ao contemplar a arte. Kandinsky critica os artistas e toda a arte que segue somente as formas e as cores, esquecendo-se de escutar a sua alma, então critica-a quando diz:

*“Nas épocas em que a alma está como que entorpecida pelas doutrinas materialistas, pela incredulidade e pelas tendências meramente utilitárias consequentes, nas épocas em que a alma é insignificante, vemos espelhar-se a opinião de que a arte realiza qualquer objectivo definido, mas que, sem objectivo algum, a arte apenas existe pela arte. Aqui o lado que liga a arte à alma encontra-se parcialmente anestesiado.”*¹⁴³.

Cabe ao artista a função de ligar a forma exterior ao conteúdo autêntico que os seus sentidos interiores contemplam. A obra de arte é isso, é a visão da alma humana que ao tocar o infinito e ao contempla-lo, pelas mãos do artista ganha forma e cor no mundo. A Arte ao serviço da Fé necessita de artistas que produzam esta arte, arte cheia de conteúdo, que seja símbolo de uma realidade maior, Divina. Para Kandinsky o artista deve cultivar a sua alma, educa-la de forma que a arte que produz seja cada vez mais cheia de conteúdo, beleza e verdade, que ela seja capaz de elevar o homem. Diz ele que:

“É ao artista que compete modificar esta situação. Ele deve começar por reconhecer os deveres que tem para com a arte e, portanto, para consigo mesmo e considerar-se, não como dono da situação, mas antes como servidor de um

¹⁴² *Ibidem.p.* 113

¹⁴³ *Ibidem.p.* 115

ideal particularmente elevado que lhe impõe obrigações especiais e sagradas, uma grande tarefa.”¹⁴⁴.

O artista é um servidor, ele deve por os seus dons artísticos e humanos ao serviço do Homem. A sua missão não é somente criar formas e misturar cores, mas trazer um conteúdo mais elevado á luz do mundo.

¹⁴⁴ *Ibidem*.p. 115

Conclusão

Não será o artista um homem vocacionado? Diz-nos Odo Casel que Jesus Cristo “*revela-se ao mundo por uma epifania maravilhosa, ele aparece em sua natureza humana visível, a fim de trazer a salvação para a humanidade*”¹⁴⁵. A acção de Deus apresenta-se-nos de forma misteriosa, que vamos desvelando, aprofundando só e ao mesmo tempo acompanhados em comunhão e com os outros homens na sagrada Liturgia. O artista busca essa epifania maravilhosa, Deus enche de dons e chama, vocaciona os homens, assim também os artistas são chamados por Ele. A Igreja tem o papel de acolher e ajudar estes homens, os artistas, a realizar a sua vocação, que é a produção artística em obras concretas. A Liturgia vê nas artes uma ajuda preciosa, quer seja na música, quer seja nas artes plásticas. A Beleza na Arte em união com a Liturgia ajuda o Espírito humano a elevar-se. A assembleia celebrante acompanha o rito com música, a música litúrgica deve ser a melhor que o homem possa produzir. Assim também a arquitectura e a arte quer nas alfaias litúrgicas, quer na ornamentação da igreja ou nas imagens e ícones deve ser a melhor possível. A Igreja deseja a arte como uma preciosa ajuda com a capacidade de ser símbolo, com a capacidade transmitir e educar na fé, com a capacidade de interpelar e por questões no interior do coração humano para assim os encaminhar num itinerário de fé. A arte deve inquietar e pôr o Homem a caminho.

Carlo Maria Martini, antigo Cardeal Arcebispo de Milão, escreveu uma carta pastoral (1999) que se intitula “*Que Beleza salvará o mundo?*” É a Beleza de Deus sem dúvida, aquela beleza tão antiga e incriada. A mesma beleza que os artistas perseguem sem cessar. Beleza que a alma humana sente e que os artistas tentam traduzir nas suas obras, Quanto mais elevada e profunda é esta relação do artista com esta Beleza mais a sua arte se torna capaz, mais os homens ficam maravilhados e o seu espírito se inquieta e umas vezes secretamente outras se abeira da conversão. Nem todos os artistas são capazes de produzir esta arte, só aqueles que Deus chama, podemos assim falar de homens

¹⁴⁵ Cf. CASEL; Dom Odo - *O mistério do culto no cristianismo* - Edições Loyola, São Paulo, 2009. p. 73

vocacionados. A quem Deus conferiu os dons necessários. Nem sempre esses artistas são próximos da fé cristã, alguns dizem-se não crentes ou agnósticos. Mas na sua arte é dito o contrário estão já perto de Deus da Beleza, do Sublime, do Infinito e a sua arte transmite isso. A esses a Igreja deve pedir, chamar e orientar. Deve-lhes abrir as portas ao seu trabalho, pois Deus já lá semeou e o seu fruto é “muito bom”. A Igreja no Concílio Vaticano II vai neste sentido, o de aproximar os homens das artes á Igreja, às suas escolas, acolher a Beleza. Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI indicam-nos esse caminho. Muito tem de ser feito, trabalho de aproximação, de formação nos seminários e no ensino superior que instrua e clarifique os sacerdotes que o caminho das Belas artes é um caminho que aproxima de Deus. A arte tem a capacidade fantástica de ajudar o Espírito humano a elevar-se, a deixar-se tocar, a converter-se. Levanta-se a questão: Que arte temos nas nossas Igrejas hoje? Será ela capaz de cumprir com a sua função Litúrgica, educacional e devocional? Ou é apenas uma arte medíocre, sem excelência, que não interpela nem e ajuda os homens a por se a caminho. Deus escolheu os homens mais capazes de entre o povo de Israel para a construção e embelezamento da Arca da Aliança, vemos isso no livro do Deuteronomio. Assim deve ser nos dias de hoje, os melhores e os mais capazes, com os melhores materiais, isso foi sempre claro, vemos na tradição da Igreja. A Arte ao mais alto nível deve ser usada na Liturgia, as Igrejas no passado não eram museus, mas cumprem uma função, o culto eucarístico. As mais Belas obras de Arte, de pintura, escultura, serviram para o culto, para a devoção. Assim hoje deve continuar a ser.

Nos dias de hoje começamos a sentir a volta dos artistas e das suas obras, as Igrejas não devem ser vazias de Beleza e por isso de arte, Em Fátima na Basílica da Santíssima Trindade, uma área enorme onde um só painel e um crucifixo enche e dá vida, direcciona, educa. Servindo o culto na sagrada liturgia, e fora do culto aos devotos e naqueles que visitam para contemplar a beleza que conduz á Beleza.

Outra questão se levanta no fim de tudo isto, que arte se quer nas Igrejas? Uma arte superficial, corriqueira ou uma arte rica cheia de significado?

Bibliografia

- ALDAZÁBAL; José – *Dicionário elementar de Liturgia* - Paulinas; Prior Velho; 2007
- ASOCIACION ESPANOLA DE PROFESORES DE LITURGIA - *Arte y Liturgia* - Culmem et Fons, 15; Centre de Pastoral Liturgica; Barcelona; 2013
- AUGUSTIN, Geoge; KOCH, Kurt – *La Liturgia como centro de la vida cristana* - Colección: Presencia Teológica; SalTerra; Santander; 2013
- BAAL-TESHUVA, Jacob, - *Marc Chagall* - Taschen, Koln, 2004
- BALTHASAR; Hans Urs Von – *Gloria, Una estética Teologica / 1- La perception de la forma* - Editora Encuentro. Madrid, 1987
- BIBLIA SAGRADA - Difusora Bíblica; Franciscanos Capuchinhos; Lisboa-Fátima; 2002
- CASEL, D. Odo. - *O mistério do culto no cristianismo* - Edições Loyola; São Paulo, 2009
- CATTANEO; Enrico – *Arte e Liturgia: dalle origini al Vaticano II* - Vita e Pensiero; Milão, 1982
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO – edição anotada, Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta; Tradução portuguesa – José A. Marques; Theologica, Braga; 1984
- DEBUYST; Frédéric – *L'Art Chrétien Contemporain* - Mame; Paris; 1988
- DESCHARNES, Robert; NÉRET, Gilles, *Salvador Dalí 1904–1989* - Taschen, Koln, 2004
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II – *Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens conciliares* - Gráfica de Coimbra; Coimbra; 1998
- ECO; Umberto – *A definição de Arte* - Edições 70; Lisboa, 1972

- ENQUIRÍDIO DOS DOCUMENTOS DA REFORMA LITURGICA - Secretariado Nacional de Liturgia (EDREL); 2ª edição; Fátima, 2014
- EVDOKIMOV, Pàvel Nikolàjevic - *Teologia della Bellezza: L'arte dell'icona* - Edizioni Paoline, Roma, 1982
- FERRER, Juan M.; FOLGADO, Jesús R. (eds.) - *La liturgia, inspiradora de las artes* - Centre de Pastoral Litúrgica; Barcelona; 2013
- GUARDINI, Romano - *O Espírito da Liturgia* - Coleção "Spiritus", Arménio Amado Editor, Coimbra, 1948
- HENRY, Michelle – *Ver o Invisível – sobre Kandinsky*. Editora Realizações; São Paulo; 2012
- HESS, Walter - *Documentos para a compreensão da pintura moderna* - Coleção Vida e Cultura, Edição Livros da Brasil; Lisboa
- HIGINO, Nuno – *Álvaro Siza, Anotações á margem* - Nota de rodapé Edições, Paris. 2015
- KANDINSKY, Wassily – *Do Espiritual da Arte* - D. Quixote; Alfragide, 2010
- KANT, Immanuel – *Crítica da faculdade do juízo* - trad. Valério Rohden e Antônio Marques; Forense Universitária; Rio de Janeiro; 2008
- KUNG; Hans - *O Cristianismo – Essência e História*; Coleção Nova Consciência, Circulo dos Leitores, Braga, 2002
- LIPOVTSKY, Gilles – *A Era do Vazio* - Relógio d'água, Lisboa, 1989
- MALDONADO, Luis – *Liturgia, Arte, Beleza (Teologia y estética)* - San Pablo, Madrid
- MARTINI, Carlo Maria – *Que beleza salvará o mundo?* – Paulinas; Lisboa, 1999

- MARTO, António; RAVASI, Gianfranco; RUPNIK, Marko Ivan – O Evangelho da Beleza - Paulinas; Prior Velho; 2012
- NÉRET, Gilles – *Lempicka* - Taschen, Koln, 2004
- NÉRET, Gilles – *Henry Matisse* - Taschen, Koln, 2004
- NOBILE Semplicità – *liturgia, arte e architettura del Vaticano II* - Edizione Qiqajon – comunità de Bose; 2013
- PINHO, Arnaldo de – *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização* - Col. Problemas de hoje / 8; Editorial Perpétuo Socorro; Porto
- PLAZAOLA, Juan - *Historia del arte Cristiano* - BAC Manuales 20; Madrid, 2001
- PLAZAOLA, Juan – *Arte Sacra actual* - BAC Maior 82; Madrid, 2006
- PLAZAOLA, Juan – *El Arte Sacro Actual* - B.A.C. 250; Seccion VIII Literatura y Arte; Madrid, 1965.
- PLAZAOLA, Juan – *Historia y sentido del Arte Cristiano* - BAC Maior 50; Madrid, 1996
- RATZINGER, Joseph – MESSORI, Vittorio. *Rapporto sulla fede* - Edizione Paoline; Roma, 1985
- RATZINGER, Joseph - *Introdução ao espírito da Liturgia* – Paulinas, 3ª edição; Prior Velho, 2010
- RATZINGER, Joseph - *Opera Omnia: Teologia della Liturgia* - Volume XI; Libreria Editrice Vaticana; Vaticano, 2010
- READ, Herbert – *O Significado da Arte*. - Ulisseia
- SPIDLIK, Tomás; RUPNIK, Marko Ivan – “El conocimiento integral: La vía del símbolo”, Estudios e ensaios - BAC. Nº 149 – Teologia; Madrid, 2013

TOLSTÓI, Lev – *O Que é a Arte?* – Gradiva; Lisboa, 2013

TOMAZ, Eugénia – *Arte Eterna, uma perspectiva transhistórica* - Editora Rei dos Livros; Lisboa, 2006

TORGA, Miguel – *Diário XII* - Gráfica de Coimbra; Coimbra, 1977

ULRICKE Becks, Malorny – *Kandinsky* – Taschen; Köln, 2003